

A ESCOLA PRIMARIA

— REVISTA MENSAL —

Director:
ALFREDO C. DE F. ALVIM
 Superintendente de Educação Elementar
 REDACÇÃO: RUA SETE DE SETEMBRO, 174

ASSIGNATURAS:
 Para o Brasil } um anno.... 12\$000
 } 6 mezes..... 6\$000

SUMMARIO

Red.....	Casa do Professor	Antonio Figueira de Almeida..	Museus escolares
Dr. Pedro Ernesto...	VII Congresso Nacional de Educa- ção. (Discurso)	Pedro A. Pinto.	Lingua Materna
Zopyro Goulart.....	Camillo Bicalho	Amalia S. Prado.....	Sciencias sociaes
Bastos de Avila.....	Raça e Mestiçagem	Mestre Escola.....	Tres Palavrinhas
		Professoras da Escola Uruguay	Pratica da Escola Activa

CASA DO PROFESSOR

Mais uma vez se cogita de fomentar a aquisição de meios para a construcção da «Casa do Professor», projecto que só pode merecer nosso applauso, como o de quantos se interessam realmente pelas classes operosas do magisterio, ás quaes nem sempre se faz a devida justiça.

Occorre-nos, pois, suggerir, no momento em que vemos de novo se coordenarem esforços em tão nobre sentido, uma idéa nova, que talvez viesse trazer solução, ao mesmo tempo, para varios problemas ligados e entrelaçados.

Affigura-se-nos seria mais pratico e efficaç o levantamento, no centro urbano, de um grande edificio, cuja construcção fosse custeada pelas diversas associações de classe e que offerecesse a essas instituições os locais necessarios para sua séde, bem como vasto salão commum para solemnidades, reuniões, festas, exposições, além de renda não desprezível, produzida por lojas e escriptorios, alugados com as seguranças que exigem os proprietarios.

O edificio assim erguido seria ao mesmo tempo um centro confortavel para as diversas associações e um bello monumento da solidariedade do professorado.

A multiplicação de taes associações não pôde ser louvada, mas tambem não nos cabe discutir as ponderosas razões que levaram a desmembrar-se em grupos e sub-grupos, de modo que todos se enfraquecem. O mal está feito, e sempre com esplendidas intenções. Resta apenas o recurso que ora apontamos, para diminuir-lhe as consequencias, e quem nos diz, até, que installadas as associações em séde condigna, dentro do grande edificio se processará tambem a tão desejada unificação, com que só terá a lucrar o professorado?

Offerecendo a sugestão, são nossos votos no sentido de que se faça tal união e se perpetue em monumento condigno o espirito de solidariedade dos numerosos elementos, tão superiormente dotados, das classes magisteriaes e das que lhe são ligadas.

VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Temos a honra de publicar, nas columnas d' "A Escola Primaria", o brilhante discurso que o illustre Prefeito do Districto Federal, Dr. Pedro Ernesto, proferiu na sessão solenne de installação do VII Congresso Nacional de Educação, ora reunido nesta capital.

«Senhores Congressistas :

Ao declarar inaugurados os trabalhos do VII Congresso Nacional de Educação, empreendimento benemerito da Associação Brasileira de Educação, que o meu governo acolheu com entusiasmo e desvanecimento, cumpre-me, antes de tudo, apresentar, como Prefeito, as boas vindas da cidade do Rio de Janeiro aos illustres congressistas e educadores que honram, com a sua presença, esta Assembléa Nacional de Educação.

De todos os pontos do Brasil accorrem a esta Capital, pelo chamado da Associação Brasileira de Educação, os denodados batalhadores da maior causa nacional : a formação e o aperfeiçoamento do homem.

O Districto Federal sentiu a significação desse congresso e a importancia dos trabalhos que ora se installam, no momento em que o Brasil se integra definitivamente na ordem nova que lhe trouxe a Revolução.

Apenas encerrado o periodo discricionario, que succedeu a esse movimento, reune-se o presente Congresso para continuar, diligentemente, a obra de defesa e advertencia, com que a Associação Brasileira de Educação vem, desde 1925, sacudindo a consciencia publica para o seu maior dever : o da educação nacional.

Bem haja, senhores congressistas, o Districto Federal, por vos poder apresentar um programma de realizações em materia educativa, de que se orgulha, legitimamente.

Falo perante os educadores nacionaes, com a autoridade que me dá o exercicio de um governo em cujo programma a educação occupou primeiro logar.

Reune-se com effeito o VII Congresso Nacional de Educação em uma unidade da federação, onde o periodo revolucionario foi um periodo de intensa e profunda reconstrução educacional.

Sentimos desde o primeiro instante, em

que nos vieram aos hombros as responsabilidades de conduzir o governo da grande metropole brasileira, que aqui se devia processar o movimento de educação indispensavel á rehabilitação do homem nacional, esmagado, anteriormente, pelo seu desapparelhamento para a vida moderna e civilizada.

Repuzemos, assim, o problema, tornando-o a cogitação maior e mais viva do governo, no seu duplo aspecto de saude e educação. As necessidades do paiz sempre pareceram-nos profundamente condicionadas ás deficiencias na formação dos seus homens e na defesa de sua saude.

Atacamos, assim, em primeiro lugar, a obra da educação popular, ampliando, estendendo e aperfeiçoando a escola publica, cujos objectivos foram revistos para que se transformasse na instituição de nivelamento das oportunidades sociaes e economicas que devem, verdadeiramente, ser uma democracia.

A escola primaria do Districto Federal não é, hoje, sómente, a escola que abriga dezenas e dezenas de milhares de crianças a mais do que em 1930, mas a escola que ensina e educa, a escola que trouxe ao povo do Rio de Janeiro, pela primeira vez, o conforto da sciencia e da arte, dando-lhe com seus methodos modernos e aperfeiçoados, aquelle minimo de conhecimento scientificos e technicos, e aquelle minimo de apreciação esthetica e de educação de lazer, sem os quaes o homem não poderá ter, na vida moderna, o bom começo a que todos têm direito. Neste sentido é que a escola popular do Districto Federal já se pode arrogar a primazia de estar cumprindo a sua missão politica. Por essa escola, vamos-nos aproximando do ideal, da justiça social, nivelando as condições de partida de cada cidadão carioca, para o grande pareo de competição e de contraste que é a vida. Não ficamos, porém, sómente na educação primaria, cujos melhoramentos e cujo progresso todos podem confirmar nos novos methodos, novos programmas e novos predios.

Conduzimos a nossa preocupação de reconstruir o systema escolar do Distrito Federal, á escola profissional, que reformamos fundamentalmente, destruindo a educação dualista de classe, e criando pela fusão do ensino chamado secundario, com o ensino cha-

mado profissional, a escola technico-secundaria, verdadeira instituição para preparar o adolescente selecionado em uma democracia, onde o trabalho intellectual, seja feito em uma officina ou em uma carteira, deve ter perfeita equivalencia economica e social.

A escola technica-secundaria, em que foram transformadas as antigas escolas profissionais, representa, no Brasil, um esforço para implantar os verdadeiros principios da escola secundaria moderna e reivindicar, definitivamente, o caracter democratico de nossa organização social. Foi dado com a instalação dessas escolas o passo mais definitivo até hoje tentado entre nós, para que a educação deixasse de ser o instrumento de perpetuação das desigualdades sociaes e se tornasse o instrumento voluntario e intencional de uma sadia e solutar equivalencia entre o trabalho chamado academico ou liberal e o trabalho chamado manual ou profissional.

A ampliação e renovação da escola primaria e a transformação da escola profissional, foi acompanhada da reorganização radical no preparo do magisterio. A antiga Escola Normal foi substituida pelo Instituto de Educação, cuja obra é de todos conhecida. Ahi, não sómente se installou uma escola secundaria de preparação fundamental do candidato ao magisterio, como se criou uma escola de professores, que passou a preparar, com novas bases, novos methodos e novos programmas, o professor carioca. As profundas transformações do systema escolar não se completariam se não se preparasse o novo mestre, capaz de receber e de aperfeiçoar a escola que a capacidade do magisterio do Distrito Federal havia renovado dentro do espirito que lhe trouxera ou lhe reforçara a revolução.

O governo que realizou, nos annos tumultuosos do periodo revolucionario, obra tão significativa, tem autoridade para falar de educação, perante o escól de professores nacionaes. Falar, não para se envaidecer, mas para vos dizer que pisaes um trecho do Brasil em que se cumpriu o dever e em que se procurou dar ao brasileiro um pouco de direito fundamental que é seu : o de se educar e de se educar efficientemente.

Tão profundo, meus senhores, foi esse sentimento de dever para com a educação, durante o meu governo, que encerrei, inten-

cionalmente, os poderes discricionarios que me foram confiados pela Revolução e pelo Chefe do Governo Provisorio, assignando o decreto que instituiu a Universidade do Districto Federal.

Esta Universidade é o fecho de toda a obra continua e systematica que procurou realizar o governo revolucionario do Districto Federal. O systema escolar, as escolas de extensão, o ensino technico-secundario, a organização adequada do Departamento de Educação, são aparelhos destinados a diffundir a cultura realizada e feita do nosso meio entre as crianças, entre os adolescentes e entre os adultos.

A obra revolucionaria não se completaria, entretanto, se não lançassemos as bases da Universidade do Districto Federal, onde se promovesse e se criasse a propria cultura.

Toda a educação é, por sua natureza, obra para o futuro.

As casas que preparam o futuro são, entretanto, as Universidades.

A Universidade do Districto Federal será a instituição educacional e cultural do Rio de Janeiro que viverá os grandes problemas do momento, e em que se educarão e se pesquisarão as realidades e as necessidades brasileiras.

Somos, meus senhores, dos que acreditam que a revolução brasileira não falhou e dos que estão, hoje, como estavam hontem, profundamente convencidos de que os destinos brasileiros não se realizam com o retorno aos erros do passado, mas com a correção dos erros do presente e a coragem de continuar a obra revolucionaria emprehendida em meio aos tropeços e dificuldades dos annos tormentosos que se encerraram.

As credenciaes desta fé no Brasil e na revolução, estão nos esforços de meu governo pela obra da educação do brasileiro, para sua emancipação economica e para sua emancipação moral e intellectual.

Possa o Congresso Nacional de Educação, que hoje se installa na Capital do paiz, trazer-me com seus estudos e com o seu saber, novas contribuições e novos estímulos para o programma do governo do Districto Federal.

Sêde bemvidos, senhores congressistas, na cidade do Rio de Janeiro, na vossa cidade!

Camillo Bicalho

(Discurso proferido pelo Dr. Zopyro Goulart, na Associação dos Inspectores Escolares.)

A homenagem que hoje prestamos á memoria de Camillo Bicalho, Mendes Vianna e Arthur Joviano, faz-me recordar certa interrogação dirigida a si mesmo por um dos maiores vultos da nossa nacionalidade.

Em momento agressivo da sua vida, durante o seu longo exílio na Inglaterra, Ruy Barbosa, refletindo magua profunda, escreveu esta desalentada pergunta: «Será bom ser bom, nesse mundo?»

A blasfêmia, de que Ruy logo após parece arrependê-se, desculpa-se pelas horas contrárias em que vivia o eminente brasileiro.

Se não bastasse a íntima satisfação que nos proporciona a consciência de havermos praticado o bem, recompensa benéfica encontraríamos no conceito formado a nosso respeito pelo ambiente social em que vivemos.

Os três companheiros, que se foram, eram, certamente, expressões reais e sugestivas de um profundo espírito de bondade; viveram irmanados pelas blandícias dos seus corações compassivos e, assim, recebem, juntamente, a consagração postuma das nossas homenagens.

Espiritualista confesso, creio na consciência de além-túmulo e na sua inteligente faculdade de observar e sentir. E estou certo de que a reunião de agora ha de ecoar, agradavelmente, em torno das almas imortais dos três companheiros, levando-lhes as expressões dos nossos louvores e da nossa saudade. E ha de traduzir-lhes, através dessas expressões de respeito e amizade, a justa consagração a que têm direito, como exemplos característicos da mais legítima dignidade humana.

Penso que Bicalho foi em vida menos feliz que Mendes Vianna e Arthur Joviano; vejo-o agora, na mesma desproteção do destino, sem receber no panegirico postumo a finura artistica do discurso de Costa Sena, nem a habitual eloquência que Alba Cañizares sabe emprestar às suas formosas orações.

Inspira, entretanto, minha inexperiente palavra a mesma sinceridade dos outros dois oradores.

Convidado pela Associação dos Inspectores Escolares para aqui falar a respeito de Camillo Bicalho, sem relutância aceitei o convite, embora presentisse que minha tristeza se exaltaria na meditação sobre a morte do amigo. Todavia, tenho por habito não cultivar a dôr e, assim, procuro afastar do coração e destas palavras a idéa triste da sua ausencia definitiva. Apenas quero sentir, neste instante, o contentamento que me oferece a oportunidade para fazer-lhe, de publico, o merecido elogio, emprestando firme respeito ás vozes íntimas da consciência e ás forças vivas da verdade.

Seu carater pessoal definia-se por aguçada intelligencia, coração sensível e bondoso, profundo senso de dignidade, amor ao estudo e ao trabalho, espirito de humildade, despido de orgulho, e afinada educação social.

A enfermidade que o acometera, ainda na juventude, modificou-lhe o temperamento. Entibiou-lhe, manifestamente, a alegria de viver e deu-lhe um certo gráu de ceticismo, que se refletia no seu humor ironico, timidamente revelado, a geito de Machado de Assis.

A doença não poderia deixar de causar-lhe profunda modificação no modo de sentir o mundo, porquanto o feriu, em promissora primavera, quando já antevia seguro triunfo na profissão que abraçara e na arte que exercia com inteiro saber e apostolar devotamento.

Pelas suas inatas aptidões de intelligencia, coração e pertinacia no esforço, parecia predestinado a largos vôos nos dominios da especialidade medica que o atraira. Mas quando no afan da sua atividade cirurgica começava a singrar espaços mais claros e limpos, quando a admiração dos seus colegas já se fazia sentir entusiastica, quando as primeiras vitorias prometiam uma jornada gloriosa, o destino, misterioso nos seus designios incompreendidos, cresta-lhe, implacavelmente, as asas tontas de luz e encurta-lhe, inexoravel, o vôo precedido de inefaveis esperanças.

Já nesse tempo Bicalho havia ingressado no serviço de inspeção medico-escolar desta capital, após memoravel e disputado concurso, em que obtivera, com justiça, uma das primeiras classificações.

Quando o destino impietoso projetou-lhe as primeiras sombras, já era ele também che-

fe da 3ª enfermaria do Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Aí revelou eficiente espirito de organização, remodelando amplamente o serviço e aumentando-lhe o rendimento técnico. As suas aptidões para a medicina operatoria e a sua profunda e modernizada cultura puderam então melhor se apreciar, principalmente nos dominios da alta cirurgia.

Seus pendores para essa especialização denunciaram-se precocemente; ainda nos alvares dos seus estudos academicos, foi interno da 12ª enfermaria, a cargo do Almirante Pereira Guimarães. Após sua formatura, continuou no mesmo serviço clinico, sob a chefia do Dr. Abel Porto. Passando posteriormente a trabalhar na enfermaria do Professor Francisco de Paula Valladares, coube-lhe substituí-lo na chefia desse serviço, por haver falecido aquele professor.

Chefiara também o serviço cirurgico do Hospital Hanemaniano, anexo á Faculdade para cuja cathedra de clinica cirurgica fôra convidado.

Em todos os serviços em que atuou, como interno, assistente e chefe, mostrou qualidades apreciaveis e excepcionais de intelligencia e de sentimento. Poder-se-ia applicar-lhe, pela constante dignidade das suas atitudes, o conceito ciceriano da «Medicina, ars honesta».

Aliás, essa honestidade na profissão era reflexo da sua inata integridade moral. desenvolvida e aprimorada no seio da sua familia, austera e exemplar, que lhe serviu de ótima escola de dignidade.

Eu posso fazer seu elogio, de olhos voltados para o céu e sem temer que os espaços se turvem, pois o conheci desde os bancos academicos e jamais o encontrei num procedimento menos réto e confesavel.

Formámo-nos juntos, na Faculdade de Medicina desta capital. Dele me não recordo, relativamente aos tempos de calouro. Mas já no segundo ano, o tinha como companheiro de todo o dia na aula de histologia do eminente e inesquecível Prof. Chapot Prévost, onde sentavamos juntos, à mesa de quatro lugares, em companhia de Celisa Pinho, colega paulista também já falecida, e Mario Piragibe, clinico nesta capital e homem publico de carater ilibado.

A lei do ensino então vigente exigia a frequência dos alunos e Chapot Prévost, espirito disciplinado, era o único professor que

cumpria a lei. E para facilitar a execução desse dever, o saudoso mestre estabelecera para cada aluno, na sala de aula, lugar predeterminedo e numerado.

Bicalho e eu, sempre assíduos, estávamos assim, diariamente, lado a lado.

Dessa constante convivencia, nasceu a nossa antiga e profunda amizade; sugerida na juventude e inspirada por leal permuta de idéas e apreciação demorada de sentimentos, deveria manter-se e prolongar-se, como succedeu, tranquila e sincera, até desaparecimento do colega inolvidavel.

Pude assim apreciar devidamente as suas peregrinas qualidades de espirito e as íntimas luzes de seu coração magnanimo. Da mesma turma, foi-me permitido admirá-lo, de perto, nos vivos instantes dos seus entusiasmos e das suas justas esperanças. E se tive a alegria de vê-lo e acompanhá-lo nas horas sadias do triunfo, naturalmente mais profundo e intenso se fez o meu pesar, assistindo ao prematuro empalidecer dos seus sonhos.

Não nos visitavamos, mas quando um encontro furtivo nos reunia, longos momentos ficavamos em conversas e recordações agradaveis.

A nossa afinidade espiritual se refletia ainda na preocupação em não deter o pensamento sobre os fatos amargos da vida. Apenas uma vez lhe falei, ligeiramente, a proposito da sua enfermidade e observei, então, vivo e lancinante, o drama íntimo que se passava em meio daquela alma delicada e meiga, feita para a paz das situações tranquilas e mergulhada nas mais sombrias desesperanças.

Querendo trabalhar para vencer e podendo vencer, porque possuía aptidões integrais para o triunfo, Bicalho, como diria o poeta, sentia o céu fugir-lhe ás mãos que se levantavam. Assistiu atingir-se pela brutalidade fulminante do raio imprevisto a arvore florida da sua existencia, que, resecada e corroida, já não pode frutificar, como lhe prometia a exuberancia da floração, formosa e desabrochada.

Mas a vida, no claro-escuro da sua magnanima lei dos contrastes, também se refletiu na existencia de Bicalho.

Ele não pode efetuar toda a obra majestosa e estavel, que desejava produzir e para cuja realização parecia predestinado; vi-

veu, é verdade, longos dias de sofrimentos físicos e morais; mas em meio das sombras dos momentos contrários, abriu-se-lhe essa clareira divina de luz, que promana da profundidade dos corações amigos e que é alívio e descanso para as nossas maiores angustias. Encontrou na família o conforto necessário ao seu espírito desalentado e durante a sua longa enfermidade cercaram-no o cuidado, o carinho, o desvelo e o amor extremado de duas irmãs, gêmeas no nascimento e gêmeas na afeição fraterna, profunda e excepcional.

Assim, sofreu, porque o sofrimento é uma fatalidade biológica, mas não foi um abandonado dos céus.

Ainda agora, ao seu luminoso espírito de bondade é permitido contagiar nossas almas, favorecendo seus anseios de perfeição.

E deve-se considerar feliz quem, após a morte, ainda pôde contribuir para o aperfeiçoamento dos homens.

Minha inteligência não pôde limitar sua percepção apenas ao mundo visível na sua positividade materialista; inspirando-se no significado desta cerimônia, consagrada à memória de três companheiros digníssimos, reforça sua convicção e admite, e afirma, que, ainda sofrendo, *será bom ser bom, nesse mundo...*

Raça e Mestiçagem

Raça e mestiçagem são questões entre nós, sempre na ordem do dia. Para bem entendê-las, impõe-se naturalmente uma definição prévia dessas duas expressões: e aqui surge a grande dificuldade. Ao passo que todo mundo faz uma idéa nitida do que seja mestiçagem — admitindo consequentemente a pluralidade racial — ainda não se chegou a um accordo razoável sobre a definição de raça.

Prova-o a interessante memoria de *Henrique Neville* «A especie, a raça e a mestiçagem», Paris 1933, exaustivo trabalho de 512 paginas, em que o Autor chega a termo, deixando patente a impossibilidade em que se vê de achar uma definição adequada de raça.

O Professor Fróes da Fonseca, entre nós, também abordou a questão. Em conferencia proferida no 1º. Congresso de Eu-

genia do Rio de Janeiro, em 1929, sob o titulo «Os grandes problemas de Antropologia», assim se exprimiu o mencionado professor:

«Em verdade, é o homem animal migrante por excelencia. E através da Historia sabida e da Pré-historia imaginada á luz de indícios, os fluxos e refluxos das marés humanas desenharam inenarrável complexidade. Os factores de diferenciação racial operaram sobre elementos de cruzamento de toda ordem. E como a amálgama psychica se estabelece com relativa facilidade e a mendilização dos caracteres somaticos se contrapõe á uniformização physica, não é de admirar-se que o conceito social de nação e o conceito zoológico de raça se sobreponham inteiramente, facto só ignorado dos *dilletanti* que nada observaram ou dos eternos exploradores de preconceitos».

«E' comtudo lamentavel que meio século de esforços da Antropologia que levaram á distincção, que a clareza scientifica exige, entre *povo e raça* sejam prejudicados pelo emprego de expressões geradoras de equívocos, como a de raças psychicas, por exemplo».

«Mantenhamos, pois, o ponto de vista geralmente aceito, cortando cerce qualquer tentativa de confusão. Praticamente, sentir-nos-emos autorizados a falar em raça quando um grupo de característicos correlativos, hereditariamente transmissiveis e convencionalmente admitidos como caracterizadores de raça, de tal modo se repita dentro de um grupo humano que lhe imprima feição diversa da dos mais agrupamentos congéneres».

Assim para o Professor Fróes da Fonseca, a idéa de raça implica:

- 1º — Presença de característicos transmissiveis por hereditariedade;
- 2º — Repetição desses característicos dentro de um grupo humano, imprimindo-lhe feição diversa da dos mais grupos.

Destarte definida a raça, a questão de sua pureza passa para plano secundario. Em nossos dias, não mais se admite a possibilidade de existencia de raças puras.

As expressões *raça branca, raça preta, raça amarella*, traduzem apenas uma divisão convencional da humanidade; não tem applicação concreta; não passam de méra abstracção do espirito.

Deve-se, pois, concluir que não existe raça branca, nem preta, nem amarella? Não,

consoante a definição do Professor Fróes da Fonseca. Podemos admittir a existencia da raça branca, por exemplo, quando característicos tidos como caracterizadores desta raça (*typo de cabelo, indice nasal, indice bucal, angulo facial, etc.*, transmissiveis por hereditariedade, por tal modo se repitam dentro de um determinado grupo que lhe imprima uma feição diversa da do grupo preto ou amarello, em que outro é o *typo de cabelo*, outro é o *indice nasal*, outro é o *angulo facial, etc.*

No que respeita á mestiçagem, entre nós, resulta ella do cruzamento de tres raças, sabidamente, a branca, a negra africana e a indigena.

Dahi as quatro possibilidades de mestiços:

1º *Mulatos* resultantes do cruzamento do branco com o negro;

2º *Mamelucos* ou *caboclos*, producto do cruzamento do branco com o indio.

3º *Curibocas* ou *cafuzos*, do negro com o indio;

4º *Pardos*, producto do cruzamento das tres raças, e principalmente do mulato com o indio.

Os mulatos constituem grande parte da população do paiz. centro e litoral, da Bahia até S. Paulo; os mamelucos ou caboclos são mais numerosos no Amazonas; os curibocas ou cafuzos, que vão escasseando, são encontrados ainda na Amazonia.

Quanto ao pardo, que «no caso de uma mistura equivalente das tres raças, devia ser o producto brasileiro por excellencia, é muito mais numeroso do que se suppõe».

(Nina Rodrigues).

1º — O MULATO

Aqui, como em todo a parte, como mestiço foi um calumniado. Os criticos mais genorosos quando muito, lhe atribuíam apenas uma tal e qual superioridade sobre o negro; os mais severos, não só lhe negavam qualquer das qualidades dos ancestraes, mas ainda faziam-no herdeiro forçado de todos os vícios, de todos os defeitos das duas raças primitivas que o haviam engendrado.

Sua condição de paria — escorraçado pelo negro que o reputava acima da sua

grei, explorado pelo branco que não lhe perdoara o meio-sangue negro, odiado pelo indigena que o tomava com justos motivos como adventicio, — explica até certo ponto o juizo immerecido que se fazia do mulato.

Do branco, dizia-se, somente herdára a vivacidade e a subtileza elevadas ao mais alto gráo, e ainda assim só applicadas no vicio e na maldade; do negro, a negligencia, a preguiça, a moleza e a devassidão, que desperta cedo sob os tropicos...

Ora, a abolição da escravatura, a displencia acolhedora de nossa gente que não encara o mulato e o negro com os olhos do Americano do Norte, melhoraram sensivelmente a sorte do mulato, que começou a revelar-se por outros aspectos tão sociaveis e dignos de estima como os de qualquer outro grupo civilizado.

Aliás, ainda em pleno dominio de escravatura, apareceram em nosso meio mulatos de indiscutível valor: O Padre José Mauricio, por exemplo, com innegavel talento musical, e seu filho Nunes Garcia, professor de Anatomia em nossa Faculdade, e que empreendeu o ensino dessa disciplina por mehtodos e systemas, os mais preconizados hodiernamente.

Não precisamos, pois, mencionar os estudos de Eugenio Fischer sobre os *Bastardos de Kehoboth*, para destruir a lenda da inferioridade do mulato: em nossa terra, elle tem dado provas sobejas de quanto é capaz em qualquer dos dominios das artes e das sciencias.

2º O CABOCLO

E' o producto do cruzamento do branco com o indigena. E' um mestiço de qualidades apreciaveis, talvez superior ao mulato. Do indio conserva a tenacidade nos empreendimentos, a teimosia nas resoluções, aliada a certo gráo de desconfiança que o torna prudente na acção. Ao caboclo de S. Paulo, deve-se a conquista do Paraná, de Minas Geraes, de boa parte de Goyaz e de Matto Grosso.

3º O CURIBOCA

Producto talvez de duas raças desarmónicas, o curiboca, ao que parece, não tem grande representação no seio da população brasileira. Nina Rodrigues, entretanto, julga-

va-o ainda muito frequente na Amazonia, onde, sabido é, foi muito reduzida a migração africana.

4º O PARDO

Resultante do cruzamento das tres raças, devia ser o brasileiro por excellencia. O *nordestino* é seu typo acabado: nelle se caldêam a tenacidade do indio, o engenho do branco a fleugma do negro. Não esqueçamos que em suas veias, com o sangue luzitano, deve circular ainda um punhado de hematias flamengas.

O nordestino é um mestiço superior: ninguem lhe negará as energias latentes de que é capaz, que nem as erdemias, nem a dureza do clima, com o flagelo das secas, conseguem cercear. Dotado de um espirito aventureiro, talvez herança dupla do luzitano empreendedor e do indio itinerante, o nordestino quando a terra lhe nega tudo, emigra saudoso, resignado mas nunca vencido. E como é a seca desoladora que o expulsa da choupana humilde, para vingar-se procura as caudais do Amazonas e do Acre, forrando-se à sede que o devora.

Esse espirito aventureiro do nordestino já se faz sentir mesmo na Capital da Republica, onde vem conquistando a golpes de tenacidade, as melhores posições no Commercio e no Exercito, principalmente.

**

Examinando por outra faceta o problema da mestiçagem, occorre uma pergunta interessante:

Qual o futuro do nosso mestiço? Eis a respeito a opinião respeitavel de Sylvio Romero (*Historia da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro — 1890):

«Sabe-se que na mestiçagem, a selecção natural ao cabo de algumas gerações, faz prevalecer o typo da raça mais numerosa, e entre nós, das raças puras a mais numerosa, pela immigração européa, tem sido, e tende ainda mais a sê-lo, a branca... Os mananciaes negro e caboclo estão estancados, ao passo que a immigração portugueza perdura e a ella vieram juntar-se a italiana e a allemã. O futuro brasileiro será uma mescla africo-indiana e latinogermanica, provavelmente, se perdurar, como é provavel, a immigração allemã».

A opinião de Fischer, já mencionado, é diametralmente opposta. Com as pesquisas que realizou entre os *Bastardos de Rehoboth*, chega ás seguintes conclusões, relativamente aos mestiços em geral:

«Não existe hereditariedade racial preponderante em favor de uma ou de outra das raças ancestraes. Seria falsa a affirmativa, por exemplo, de que uma raça primitiva ou uma raça de côr, tenha por isso mesmo uma tendencia a dominar. Certos traços têm um character dominante, mas não as raças em si. Todas as raças possuem traços caracteristicos dominantes. Os caracteres distintivos das raças, em sua maioria, senão todos, parecem não ter nenhuma correlação entre si.

Não se forua nova raça por mestiçagem. Esta formação jamais se verifica por meio de cruzamento. Os traços distintivos reaparecem segundo as leis de Mendel.» Como se vê, Fischer é categorico.

Quanto ao futuro anthropológico dos novos typos, Fischer faz as maiores reservas. Elle admite a possibilidade de reversão dos caracteres, podendo os de uma raça eliminarse, deixando campo aberto e franco à outra.

Si assim fôr, eliminado o negro, o futuro brasileiro será simplesmente europeu.

A questão é, entretanto, bem mais complexa.

BASTOS DE AVILA.

Muzeus escolares

A portaria de 15 de Abril de 1932—do Ministro da Educação e Saúde Publica—aprovou, mandando que fossem seguidos, os criterios e as nórmas que, para o efeito da classificação dos estabelecimentos de curso secundario, foram organisados pelo antigo Departamento Nacional do Ensino.

Visando as prerogativas da inspecção preliminar ou permanente dos collegios, taes criterios e nórmas prescrevem a necessidade do preenchimento das condições dos 46 elementos constantes de uma «ficha de classificação» sem o que não teriam os collegios instalações e material didatico para realizarem os seus fins.

Sem que tenham procurado inteirar-

se dos intuitos da portaria — logo se levantou, entre nós, infelizmente, uma grande celeuma, como se acaso o que era pedido fosse arbitrario ou despropositado, simples invencionice das altas autoridades encarregadas desse serviço.

A rotina que, vitoriosamente, vinha campeando soberana nos dominios da instrução, procurou crear obstaculos a essa grande medida de renovação, que se inspira na necessidade de serem bem estruturados os educandarios, para que eles se tornem mais agradaveis e confortaveis, a semelhança do que existe em todos os paizes cultos do mundo.

A esse proposito—o que admira e nos causa espanto — é ter-se esperado o ano de 1932 para cuidar-se de tal assunto—não tendo havido quem, até então, cuidasse de uma providencia para fazer cessar o abuzo generalizado de collegios que se instalavam sem criterio algum, como bem entendiam seus proprietarios.

Alguns, por isso, se localizavam em barracões, e mesmo em porões, sem ventilação e sem luz, inteiramente desprovidos do mais simples e rudimentar material didatico, limitando-se a ter carteiras usadas e pequenos quadros negros.

Não vale, comtudo, determo-nos em criticas de vez que, já agora, não vizamos senão construir cousa melhor para que o ensino seja melhor do que nunca foi, em tempo algum.

E' mesmo no sentido de orientar collegios e professores que vimos, hoje, focalizar o tema referente a «muzeus escolares» que se relaciona, intimamente, com a instalação dos collegios e o material que consta da ficha a que se refere a portaria de 15 de Abril de 1932 — do Ministro da Educação e Saúde Publica.

Exigindo a portaria em questão—material e instalação—tinha em mira necessariamente crear nos collegios os pequenos muzeus, ou campos de atividade em que os alunos aperfeiçoariam os seus estudos—os quaes pela ação dos proprios muzeus—teriam de adquirir uma feição caracteristicamente objetiva.

O que se viu, porém, na maioria dos casos, foi absolutamente diverso ao que a portaria pretendeu:—os collegios se abasteceram de material, procuraram melhorar

instalações—mas tudo isso ficou amontoado, ou encerrado em redomas de vidro, sem a minima utilidade atual.

Diante disto é absolutamente necessario um esclarecimento—não só para que os collegios venham a aproveitar o trabalho realizado—como, sobretudo, para que—a lei seja obedecida — mais no seu espirito do que nas suas disposições formaes.

Para que se veja que o fim do material escolar exigido—não era apenas o da sua exhibição — no collegio ou nas aulas basta um pouco de reflexão.

A lei não podia ter—de modo algum esse intuito, pois que, para tanto — bem que bastaria a simples gravura, ou desenho, de cada objeto.

Ainda mais—separando em secções diferentes, segundo o destino de cada qual, os objetos de utilidade escolar—a lei pretendeu crear a distribuição deles, sem o criterio meramente ornamental, senão também—o educacional e utilitario.

Crear-se-iam, assim, nos collegios—os centros de trabalhos — frequentados — no espaço de um dia—em horas convenientes —pelos alunos das diversas séries e turmas—o que lhes educaria o espirito, alargando-lhes a esfêra dos conhecimentos.

Talvez tenha sido um tanto excessiva a relação dos objetos pedidos na ficha; é bem de ver, entretanto, que a lei estabeleceu apenas um padrão que seria, com o tempo, atingido pelos collegios, contentando-se, desde já, com o minimo indispensavel.

A parte mais util do material é mesmo a que possa estimular a atividade do aluno permitindo-lhe trabalhar, de sorte a transformal-o em colaborador do aperfeiçoamento progressivo do proprio muzeu de cada secção.

Deste modo já se não quer simplesmente realizar a pura transmissão dos conhecimentos, senão também estimular o espirito inventivo e creador dos alunos.

Feito como até aqui o ensino do curso de humanidades — ele tem um cunho meramente abstrato. E' um ensino caracteristicamente ornamental, não dando ao aluno o sentido do seu valor e da sua finalidade.

Sómente o muzeu escolar—que precisa ser bem compreendido—poderá renovar

essa concepção tão acanhada que até hoje se faz do ensino secundario.

O muzeu é que poderá coordenar as diversas disciplinas do curso—dando-lhes a unidade necessaria.

E', pois, o muzeu um organismo vivo, articulado em partes distintas para atender aos aspetos da vida de que ele é o reflexo palpavel.

A possibilidade da integração do muzeu na vida escolar—não constitue mais, em nossos dias, um problema.

E' assunto plena e brilhantemente resolvido—já em copiosa literatura, já na sua perfeita e notavel execução.

Ele apresenta dois aspetos fundamentais que devem ser bem apreciados—para que a seu respeito se forme um conceito bem exato.

O primeiro—é o aspeto estatico, referente á sua organização propriamente dita.

Não é um muzeu apenas — a coleção dos objetos, das raridades, das couzas unicas excepcionalmente salvas das injurias do tempo. Tudo isso pôde haver, sendo mesmo bom que haja—nos muzeus em geral, e até mesmo nos muzeus escolares.

Ao lado de taes objetos, de coleções das couzas de cada região, ou de cada paiz—é necessario tambem o laboratorio.

De sorte que, num collegio, não são unicamente os aparelhos em geral, os empalhados, as caixas diversas contendo insetos, plantas secas, etc. que constituem o muzeu, no seu amplo sentido de campo de atividade intelectual ou trabalho manual.

Tambem os laboratorios compõem a parte estatica do muzeu—porque nos laboratorios os alunos hão de executar serviços de colecionador, catalogador e organizador—de couzas e objetos que renovarão, perpetuamente—o quadro geral do muzeu.

O outro aspeto do mezeu — é o dinamico e diz respeito — ao modo de ser ele convenientemente aproveitado.

Do ponto de vista escolar—não preenche o muzeu a sua finalidade apresentando todas as couzas que possuir — devidamente catalogadas, cobertas de pequenas etiquetas, tudo bem numerado — segundo os numeros e segundo as classificações.

Ao contrario disso—seria muito mais vantajoso que os proprios alunos devessem ser os proprios a realizar — não so-

mente as coleções como ainda tambem as classificações—«fabricando» tudo que possa depender da industria humana, e coligindo tudo mais que lhe fique ao alcance—no meio em que viver.

Assim, em cada região haverá um muzeu escolar caracteristico—abrangendo por um lado uma série de couzas e objetos de ordem geral, e outra de couzas e objetos da respectiva região.

O curso de humanidades — já o disse na «Teoria e pratica de ensino secundario»—é destinado a integrar o homem no mundo e na humanidade. Por ele o homem adquire o saber e os meios capazes de lhe satisfazer as necessidades da existencia. Ora, o muzeu escolar — centralizando as atividades escolares, coordenando as disciplinas, e dando ao ensino um sentido objetivo—dará ao aluno a idéa viva da existencia — e, assim se erige em instrumento precipuo de todo ensino.

Sua instalação, e generalização se impõe ainda mais, pela sua simplicidade—dispensando gastos excessivos com aparelhos de grande preço que num collegio deste gráo não tem cabimento. Não ha necessidade de aparatos, nem de redomas de vidro—que dão aos alunos a impressão de que a utilização dos objetos é extremamente difficil ou até mesmo—a de que é prohibido tocar nos objetos.

O Muzeu Nacional—da Quinta da Boa Vista — dirigido pelo genio de Roquette Pinto — um sabio dedicado á ciencia, ás letras e ao ensino—resolveu de modo notavel o problema do muzeu escolar — na parte referente ao curso de ciencias naturaes.

Auxiliado pelos seus talentosos colaboradores Paulo Roquette Pinto e José Vidal ele creou a secção de ensino daquele magnifico instituto—onde os professores das disciplinas em questão podem haurir, num curso de revisão, os conhecimentos praticos e tecnicos, capazes de produzir assinalados frutos.

Graças ao tipo ali fixado pelo sistema estabelecido—o ensino das ciencias naturaes se transformou em ensino vivo palpitante, do mais alto e significativo interesse.

O curso de Historia natural da Escola Secundaria do Instituto de Educação—di-

rigido pelo mestre excepcional que é o dr. Carlos Werneck—humanista luminoso e homem de escól a todos os respeitos, ha muitos anos que obedece a esse tipo de ensino.

Por ele o aluno não aprende sómente pelo que ouve ou pelo que vê, em quadros muraes, aparelhos, exemplares de cada especie mineral, vegetal ou animal — senão ainda muito e muito mais pelo que realiza, ajudado pelo microscopio, pelo cinema, e pelos instrumentos que maneja diariamente.

E' a isso que precisamente se destina o muzeu escolar—que, dividido em secções—se fórma pelo conjunto de toda a aparelhagem de um collegio—desde o que deve existir nas aulas de ginastica até o que se encontra nas aulas de física, de química, ou outra qualquer. Para tanto cumpre estender o que é feito nas aulas de ciencias naturaes ás demais disciplinas do curso secundario.

Preocupado em dar cabal desempenho aos meus deveres de Inspetor regional assistente no Distrito Federal, tenho peregrinado pelos collegios desta capital—tomando a devida nota de tudo que neles encontro.

De um modo geral vejo que não será muito difficil organizar convenientemente os muzeus de cada qual desses collegios. Por isso mesmo — provado o altissimo alcance da medida—propuz-me expôr o assunto em um dos volumes da Biblioteca das Inspetorias regionaes que deverá aparecer até o fim do corrente ano.

Logo, depois, então, dar-se-á inicio

a mais esse trabalho de tão fecundas consequências.

Cabe-me, porém, ainda vencer tambem a dificuldade da instalação do muzeu de Historia da Civilização—de vez que o de ciencias naturaes está creado e em funcionamento perfeito.

Amparado pelos eminentes educadores Prof. dr. Lourenço Filho—diretor do Instituto de Educação e Prof. dr. Mario de Brito—diretor da Escola Secundaria do mesmo Instituto—espero não ha de tardar a realização desse trabalho no Instituto que é hoje—o modelo dos estabelecimentos de curso secundario, no Brasil.

Semelhante trabalho já está virtualmente iniciado—pelos cadernos de Historia e de Geografia que organizei, e a livraria Briguet editou — bem como pelos de Física, do sempre lembrado prof. dr. Heitor Lyra da Silva, e os de Química, do prof. dr. Djalma Hasselmann.

Não é ainda a ocasião de outras minucias—que serão expostas em livro que espero escrever em breve tempo.

Fazendo referencia a semelhante serviço desejo salientar a atividade das Inspetorias regionaes. As inspetorias servidas presentemente por apenas oito inspetores—sendo assim muito menos que os Apostolos e que os herões de Copacabana — procuram cumprir deste modo, o seu dever — servindo com dedicação e sem desfalecimentos—a causa do ensino que é a do Brasil.

ANTONIO FIGUEIRA DE ALMEIDA.

Inspetor Regional Assistente.

As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas, em qualquer época pelo preço de 12\$000 por anno para o Districto Federal e para os Estados.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redacção d'A Escola Primaria — Rua 7 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro.

Língua materna

¿ Que é que significa o verbo chulear ?
¿ Qual sua etimologia ? ¿ E' vocábulo rude e impróprio de ser usado em cursos de costuras frequentados por moças ?

Lembro-me de que, quando era eu ainda estudante de Medicina, houve aqui uma discussão a respeito de chulear e de chuleio, termos correntes na linguagem médica de nossa terra.

Ao que o francês chama *suture en surjet*, chamamos *chuleio*, *costura de chuleio*, ou *sutura de chuleio* e ao acto, *chulear*.

Recordo-me também de que um dos que discutiam o assunto achava que *chulear* era transformação popular do verbo *auxiliar*, e considerava que a costura de chuleio é quase sempre, sinão sempre, auxiliar, reforçadora de outra. Dizia o opositor que era a palavra oriunda de voz árabe que vale por *alternado*.

Não encontrei, porém, nos livros que possuo de árabe, nenhuma referência a essa etimologia e na linguagem de costureiras não se usa a expressão costura auxiliar, ou ponto auxiliar, de modo que não é possível que *chulear* seja deturpação de auxiliar.

Cândido de Figueiredo alvitra a hipótese de provir o termo de *subligere*. Passo para aqui palavras do dicionarista lusitano :

"Chulear, v. t. Coser ligeiramente a orla (de qualquer tecido), para se não desfiar. Bras. Coser com em ponto de chuleio. Cf. P. Barbosa. Dicion. de Têrm. Méd. (Do lat. subligere)."

"Chuleio. Acto ou efeito de chulear."

O verbo latino *subligo*... are, significa atar ou prender por baixo, sobraçar. E' de uso corrente na agricultura, na viticultura e em certo passo da *Eneida* vê-se :

"Tam lateri atque humeris Tige acum subligat ensen..."

L. VIII. V. 459

Parece-me que, de acôrdo com a ideia que tenho do ponto de chuleio, da costura assim chamada, a etimologia proposta não é aceitável. Em vez de prender por baixo, será, talvez, por cima. Chulear uma costura vem a ser passar por sobre os pontos dados, esses ordinariamente a máquina, outros em que o fio que parte de uma extremidade corre por cima da orla do tecido, formando espi-

ral e vai à outra extremidade da costura.

Tem o francês, assim na linguagem de oficinas de costuras, como na de cirurgia, as palavras *surjeter* e *surjet*, correspondentes a chulear e chuleio.

Copio do Dicionário de Darmsteter :

"Surget... Etym. Subs. verbal de surgeter... (Technol). Point de couture où l'aiguille traverse deux morceaux d'étoffe placés bord à bord, en faisant toujours passer le fils par dessus les deux bords réunis."

Vê-se, pelo que ficou dito, que ainda não logrei apanhar a etimologia de *chulear* e que são rejeitáveis, por não provadas, as diferentes propostas.

Nada há, porém, que faça consideremos o termo indigno de usado numa oficina de costuras. E' êle diáriamente empregado pelas nossas mães de família e é de uso corrente no falar de nossos médicos cirurgiões. Ainda mesmo que na palavra, pelo étimo que se venha a descobrir, haja algo de grosseiro, ou de plebeu, sua passagem pelos lábios de mães que se entregam aos trabalhos de preparar a roupa de seus filhos a nobilitou, tornando-a mais do que muito digna de usada, o que aliás sucede com vários vocábulos, principalmente com alguns da indumentária do recém nascido.

* * *

¿ Que é que significa a palavra zibelina e qual sua etimologia ?

Zibelina, ou zebelina como está na 1ª edição de os *Lusiadas*, em outros clássicos e no Dicionário de Meyer Lübke, é mamífero do gênero *mustela*, "M. Zibelina", da Rússia e das regiões do norte da Ásia.

São as zebelinas animais que passam o dia em luras, nas margens dos rios, e saem à noite, em busca de alimentos.

Camões, no poema, fala em fins animais zebelinos, querendo referir-se as peles ou a tecidos feitos com elas :

"Não nos leitos dourados entre os fins
Animais de Moscovia zebelinos."

C. VI. Est. 95.

Tem o castelhano a forma *cebelina* e o francês *zibelina*, proveniente do italiano *zibellino* e êste de origem eslava. Houve no antigo francês *sebellin* e no velho provençal *sebelin*. Também o francês chamava às martas, às zebelinas, *sable*, palavra de origem russa, cf o polaco *sabol*, russo *sobol*, donde o

alemão *zobel* e o latim medieval *sabellum*, segundo ao que leio nos Dicionários.

Meyer Lübke escreve : "Sobolj (russ) Zobel Afry sable; it. zibellino. fr. zibelina, prov. se(m)beli, esp. zebelina, pg. zebelina".

Está no Dicionário do sr. Nascentes : "Zibelina—Do russo *sobolj* (Diez. Dic. 346. M. Lübke, Rew 8049, marta negra."

Zebelina não viria directamente do russo *sobolj* e ficaria *in albis* quem precisasse saber a etimologia e fôsse ao livro do sr. Nascentes. Mas, com a compilação que fiz, com a transcrição do texto de Meyer Lübke, talvez possa o leitor apanhar a etimologia de zebelina. A que faz vir a palavra do russo *sobolj*, se é verdadeira, é muito remota.

¿ Em que autoridade teria o gramático mapuche se esteado para dizer que as zebelinas são martas negras ?

Não há, propriamente, martas zebelinas pretas. Em regra, sua pele é cinzenta no peçoço e alourada trigueira, pendente ao preto, no rosto do corpo. Mas, há zebelinas brancas, embora raras, e amarelas.

Em outro lugar. «Linguagem camiliana», página n. 159 tratei das peles de martas.

Os latinos designavam pelo nome de *mustela*, *martes* e *meles*, o animal a que chamamos *doninha* ou *marta*. A uma espécie de *doninha*, a fétida, chama-se, em Portugal, *toirão*, *fuinha*, *foeta*, *papalva*.

Escreve João Ribeiro :

"Por toda parte e por um quase consenso unânime deram nomes graciosos a um animalzinho sanguinário e carniceiro, indigno de tamanha lisonja : os portugueses chamam-no *doninha* (de dona), os franceses *belette* (talvez diminutivo de *belle*, *belezinha*), o italiano *donnola*, como os portugueses, os bavareses, *Schoen lierlein*, (o animalzinho formoso) e no antigo inglês *fairly*." (Curiosidades Pág. n. 95).

¿ Qual é a etimologia do marta ?

Está no Dicionário do sr. Nascentes : «Marta. Do gót *Marthus* (M. Lübke, Rew. 5389). A. Coelho deriva do lat *martes*, que ocorre em Martial, X. 37, se a lição é segura».

¿ Que quererá dizer o sr. Nascentes com as palavras «se a lição é segura.» Se a lição fôsse de A. Coelho, teria muitas probabilidades de ser segura. Mas, é do sr. Nascentes. Em A. Coelho está :

«Marta... gênero de mamíferos da ordem dos carnívoros (*mustela*) (Lat. *martes*)».

Em Martial, no lugar apontado, não está o termo *martes* e sim um seu sinônimo, *meles*. Não se deu o professor ginasial ao trabalho de verificar a citação, que é a seguinte :

«Venatus capta mele superbus adest.»

Lib. X. Ep. n. 87)

Mas existe em latim o termo *martes*, de certo origem de *marta*, registado nos dicionários, ex. gr. no de Quicherat, no de Theil... O de Felix Gaffiot não consigna a palavra. Tem o francês *martes* e *martre*, formas que tirou do germânico ocidental *marpor*, segundo o alemão *marder*. No italiano há *martola* e *martela*, no provençal *martre* e no castelhano *marta*.

Também designa o francês as martas pelo termo *blaireau*, a princípio nome de côr de animal, talvez do gaulês *blawr*, cinzento ou do gaélico *blar*, «que tem mancha branca na fronte», cf ao que leio em Bloch.

O verso de Martial, há pouco citado, foi assim traduzido em francês, na coleção de Garnier :

«...chasseur qui est là tout fier d'avoir pris un blaireau».

Há nomes geográficos *marta* e *martula*, os quais, de certo, nada têm com o dos animais, visto que são comuns em lugares que não eram vivendas de doninhas.

Na Etrúria houve o rio *Marta*, que saía do lago Volsiense e ia desaguar no mar Tirrênio. Na Ásia Menor existem *Martula*, cidade na costa norte de *Ponto Polemoniaco*.

O nome próprio *Marta* é bíblico e corrente em grego. *Marta*, irmã de Lázaro e de Maria, era dona da casa onde se hospedava Jesus, na Betânia. Era muito inquieta e agitada, como são as martas e daí talvez queira alguém tirar o nome dos animais...

PEDRO A. PINTO

CIENCIAS SOCIAIS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO

EVOLUÇÃO DA CASA BRASILEIRA PRELIMINARES CONQUISTA DA TERRA

Trabalho apresentado ao professor Dr. Pedro Calmon pela professora Amália Silveira do Prado

Possuir terra foi um dos primeiros elementos necessários ao colono lusitano, depois de aportar ao Brasil. Prestados alguns serviços e asseguradas as suas «qualidades», procurava logo requerer a concessão de sesmarias. Esses serviços consistiam, geralmente, na expulsão dos índios ou na eliminação das feras, na formação dos rebanhos ou no desbravamento e amanho dos campos para plantação.

Da posse das terras, com preliminar povoamento, surgiram os núcleos coloniais, localizando-se os primeiros no litoral, na região que se tornou agrícola, enquanto os outros se desenvolveram no interior, às margens dos grandes rios navegáveis, a partir do S. Francisco. Irradiaram-se após para o amago das zonas sertanistas, quer para o Septentrião, quer para o Sul. Expandiram-se alguns admiravelmente; outros, entretanto, ou se mantiveram estacionários, ou não alcançaram grande desenvolvimento. Ao lado da Serra do Mar surge, nesta evolução, o S. Francisco, como grande polarizador da civilização brasileira.

Dono do terreno, o colono construiu o seu abrigo, cuja genese foi a

CABANA

Ao deparar com uma natureza grandiosa, onde os cenários se sucediam com matizes cambiantes e luxuriosos, o alienígena sentiu imprescindível e inadiável necessidade de abrigar-se e defender-se contra os perigos e rigores do clima tropical.

Iniciou-se então a luta do homem civilizado com uma natureza agreste, misteriosa e desconhecida. As plagas brasileiras, palmilhadas até então apenas pelo indomito selvi-

cola, não lhes apresentava nem o conforto, nem as perspectivas da velha terra natal. A floresta virgem oferecia-lhe a galharia verde de suas árvores em flor, erectas na opulência de seus vigorosos troncos. As riquezas mineiras, entretanto, jaziam adormecidas, no desconhecimento, em que ainda se achavam dos filhos de Portugal. O espírito lusitano, porém, aventureiro e colonizador, venceu as dificuldades e a primeira casa portuguesa em solo brasileiro aparece, construída com os elementos e recursos encontrados na novel terra:

Imitava a do índio, mas diferia das ocas principalmente porque estas podiam abrigar duzentas ou mais pessoas, que nelas viviam em comum, ao passo que o colono ergueu a sua cabana atendendo á necessidade monogâmica de seu viver. Para cobertura, empregou, como o aborígine, a palma das palmeiras dadivosas ou o sapê macio; nas paredes, um trançado de varas, presas pela fibra da imbirá ou do timbó, sobre o qual faziam, a sopapos, a taipa ou, substituindo-a, o adobe empregavam.

Não mais, pois, a casa etnográfica ou prehistórica do selvagem em toda sua rudeza, mas já um abrigo ligeiramente diferenciado, onde as frágeis ripas se casavam com a taipa ou com a maciez do adobe. Eram casas abertas, isto é, com portais, mas sem portas que as fechassem e sem janelas, o que a vida placida com os selvícolas lhes permitia. Assim o primeiro teto luso em terra brasileira, que se vê representado na figura n. 1 e constitui o marco fundamental da evolução da casa entre nós.

CASA DA TORRE

A luta com o aborígine, que se tornou hostil, fugindo ao «peró» ou atacando-o sempre que se sentia mais forte ou mais ferido em sua liberdade, originou a Casa da Torre, que era mais vasta e servia ao mesmo tempo de abrigo e de defesa. Sua construção lembra os velhos castelos feudais. O colono chegava saudososo de sua aldeia natal, sombreada por um castelo medieval. Ligando esta recordação á necessidade de defesa contra o aborígine, construiu a sua casa, adaptando-a ao novo meio, mas com um traço característico dos grandes solares medievais—a torre simbólica de Garcia d'Avila.

Rico proprietário, Senhor da Casa da Torre, Garcia d'Avila foi um vulto notável na época colonial.

De Assú da Torre, na Bahia, onde ele se estabelece, erguendo a Casa da Torre, construção que caracteriza uma época, parte grande movimento expansionista na direcção do Nordeste.

Na torre, existente nestas construções, havia seteiras para assestar as armas em caso de ataque e servir de posto de observação do setor circunvizinho, quasi sempre agressivo, ameaçador. Ali, com a família, ficava o colono em caso de perigo, passando-se para a casa campestre quando este desaparecia. As regiões altas, as colinas, eram preferidas para suas edificações, porque se prestavam melhor áquelas finalidades.

A Casa da Torre é simples, como se vê na figura n. 2. Seu exterior sóbrio e sem arte. Não apresenta adornos, nem cornijamentos,

Tem, entretanto, fisionomia própria, característica, de acôrdo com as necessidades da época.

Tal é a casa, defensiva ou militar, na época inicial da colonização açucareira, que assegurou a riqueza do Brasil colonial. É a casa do homem forte, de engenho, afeito á vida de isolamento do lavrador rural. Seu interior é pobre, quasi desprovido de moveis. Um bofete, alguns escabêlo e uma mesa são os unicos que existem. As esteiras de fibras indígenas substituem os tapetes. Não ha outros livros além dos «devocionarios». O colono usa a rêde tupica, onde descansa o corpo alquebrado pelos calores tropicais.

Tornando-se mais vasta, crescendo em altura e em extensão, a Casa da Torre passa a

CASA FORTE

O crescente desenvolvimento do pastoreio no Brasil, onde o gado encontrava pastagens sempre novas e variadas, imensas e férteis; o progresso agrícola, fartamente compensador; o domínio do colono sobre o indígena que, ou se misturou ao elemento colonizador, dando o mamaluco, ou dele se divorciou, internando-se de vez no «interland» do continente, tangido pelo proprio colono; o estabelecimento da família em bases mais solidas, ao mesmo tempo que os costumes se modificavam e as riquezas se firmavam, deram mais segurança á vida do colono.

Já não lhe sendo preciso abrigar-se na Casa da Torre, construiu a Casa Forte, verdadeiro castelo brasileiro, simbolizado pelo solar de Megaipe (1650-1700).

Nessa época domina o Senhor, verdadeiro «pater-familias», que mantém, junto a si, os agregados e os escravos, além dos membros de sua família, lembrando as «gens» ou «clans» da velha Roma.

A casa continua simples e sem arte, mas amplia-se, desdobrando-se em dois pavimentos, como se verifica na figura n. 3.

O superior é o andar nobre, que pertence á família e onde se instala o Senhor, com mulher, filhos, demais parentes e agregados; no inferior ou terreo ficam as senzalas, onde os escravos vivem promiscuamente.

A construção é sólida, muito resistente e apropriada ao clima, pois nela se rasgam muitas janelas.

A urupema impede que o interior seja devassado. O português colonial procurou sempre, sofrendo provavelmente ainda a influencia mourisca, trazer a mulher afastada da vida exterior, levando seu rigor ao extremo de não permitir-lhe olhar a rua, se não através das urupemas ou das rotulas. Foi, entretanto, a mulher colonial o sustentáculo moral do lar, mantendo os costumes puros e santificados da família.

Ao lado da Casa Forte ficava a capela, simbolo do poder espiritual e onde se misturava, nos atos religiosos, o filho do Senhor—orgulhoso de sua linhagem ou de seus haveres—com o misero escravo, que não se sentia, assim, muito afastado de seus donos.

Os batizados e casamentos aí realizados eram numerosos e rendiam muito. As capelas serviam também de jazigo á família dos senhores.

O Capelão da fazenda nelas celebrava os atos religiosos. Os capelães preferiam, quasi sempre, a vida do engenho á das vilas.

O interior dessas habitações é pobre. O mobiliário o mesmo da Casa da Torre, aparecendo, com os «devocionarios», «Os Lusíadas» e «Diana de Montemor». Não existe outra cerâmica além da indígena, «com os seus vagos desenhos».

Esses lares foram verdadeiros núcleos sociais, verdadeiras colônias, sendo alguns mais importantes do que as proprias vilas, algumas das quais deles se originaram.

No tumultuar desses casarões colônias

e em seu redor uma população imensa vivia. No engenho tudo se fabricava, desde o açúcar, em que se empregava numeroso pessoal, até os objetos mais necessários á vida domestica, costumando os seus donos dizerem, com orgulho :

— Nesta casa só se compram ferro, sal, pólvora e chumbo.

A estas cãsao sucedeu o

PAÇO

Não havendo mais necessidade premente de defesa, a casa colonial perde o aspecto de fortaleza. Vem, então, o Paço, verdadeira casa social, nobre, elegante, com frizos e cornijamentos nas fachadas, de balcões salientes e portal brazonado — sinal de fidalguia e alta nobreza, lembrando sua construção os pagodes chineses. «Os mestres de risco» deixam-se influenciar pelos que chegam de longas viagens ao Oriente e, em seus trançados, buscam imitar a arte chinesa, principalmente no arribitado dos telhados. A casa transformou-se. É o solar. O exterior é nobre, fidalgo, mas o interior continua pobre e sem ornamentos, não indo o luxo além da baixela de prata, que impera sempre no Brasil colonia.

A urupema é substituída pela rotula. Nas cidades e casas populares, são usadas as «rotulas de levantar».

Essas moradias eram de dois pavimentos, vivendo no andar inferior os escravos e no superior os senhores.

Nesta época a vida brasileira era de luxo e conforto. Parecia que o Brasil havia prosperado grandemente. Os pais mandavam os filhos estudar na Europa. As filhas éles as destinavam, de preferencia, á vida claustral.

A pobreza interna dos lares era apenas um reflexo da ausencia de sociabilidade. Esses casarões como que se bastavam a si mesmos.

A mulher vivia apenas para a familia, reclusa em seu proprio lar, que tinha muito dos antigos conventos.

Essas casas foram comuns ás cidades e aos engenhos no periodo aureo da colonização diamantifera. A unica diferença existente era que, no engenho, eram abertas, ao contrário das construídas nas cidades.

Os primeiros artistas portugueses des-

pontam, fazendo sentir sua influencia no velho solar, que temos representado na figura n. 4 e cuja evolução deu a

CASA GRANDE (FAZENDA)

No fim do seculo XVIII e começo do seculo XIX, nota-se ainda, na casa colonial, a influencia mourisca, que aparece no rendilhado de seu alpendre, persistindo a arte chinesa, que sobressae em seu telhado. A ação do meio manifesta-se na vasta varanda lateral, como vemos na figura n. 5. O sino pregão destaca se á sua entrada. Ele convoca a escravaria imensa ao trabalho e ás refeições. Durante anos, em Minas, ao som plangente desse sino, acorriam aos repastos até os viandantes desconhecidos. Os escravos estabelecem-se ao lado da Casa Grande, nas numerosas senzalas. Do lado oposto ficam os currais. Ha sempre um cercado para plantação de flores e verduras.

Havendo o gado feito a expansão geografica do Brasil, ampliada grandemente pelas bandeiras, a agricultura localizou os seus produtos, fazendo a sua riqueza economica.

Ser senhor de engenho ou de fazenda era ainda um dos tributos de maior nobreza, persistindo, assim, o seu predomínio.

A mulher é a mesma prisioneira do lar, continuando a dirigir os trabalhos caseiros.

Nessa fase se achava a evolução da casa brasileira, quando ao Brasil chega D. João VI.

CASA GRANDE (ENGENHO)

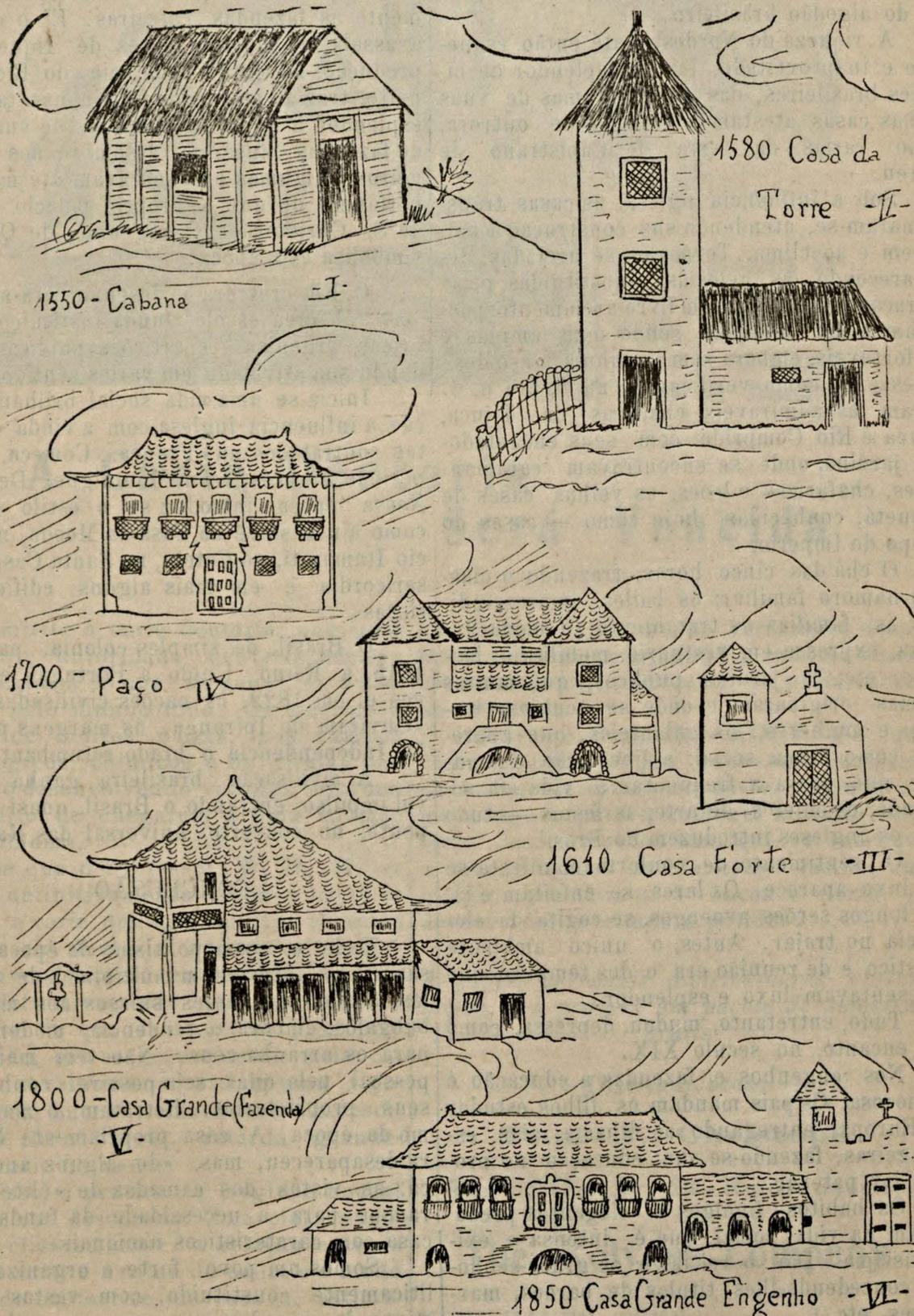
Fator decisivo e de extraordinaria importancia na evolução da vida social brasileira foi a permanencia da Corte portuguesa no Brasil, de mistura com elementos ingleses.

O aumento da população no atual Distrito Federal foi bem um reflexo disso, pois só de cortezãos vieram 15.000, com D. João VI.

A abertura dos portos nacionais, com a lei posterior, assinada em abril, permitindo a livre industria, teve repercussão inestimavel na vida politico-social de nossa Patria.

Comerciantes ingleses, avidos de lucro, aqui vieram, trazendo em profusão os produtos, com que abarrotaram os armazens e trapiches. Daqui levavam a materia prima, principalmente o algodão, para as suas numero-

A evolução da casa brasileira



sas fabricas. Manchester, Souptanton e outras cidades receberam e trabalharam o alvofio do algodão brasileiro.

A riqueza do Nordeste, até então esquecido e inaproveitado, fez o esplendor de cidades brasileiras, das quais algumas de suas velhas casas atestam a riqueza de outrora, como varias da terra de Capistrano de Abreu.

Sob a influencia inglesa, as casas transformaram-se, atendendo sua construção á paisagem e ao clima. Tornaram-se arejadas, desaparecendo as gelosias, substituidas pelas vidraças, que permitiam livre arejamento; passaram a ser terreas, sendo mais amplas e confortaveis, embora sem nenhum traço desnecessario, como verificamos na figura n. 6. Foram as admiraveis chacaras da Tijuca, Gavea e Rio Comprido, com seus encantadores jardins, onde se encontravam caramanchões, chafarizes e leões; as velhas casas de Paquetá, conhecidas hoje como — casas do tempo do Imperio.

O chá das cinco horas, trazendo o classico namoro familiar; os bailes, imprescindiveis ás familias de tratamento; a moda inglesa, expressa em vestuario, mobiliario, hábitos, etc; os jardins publicos, que muitos dramas originaram e onde se reuniam homens e mulheres; os galanteios, que aparecem como fórmula social; a libertação da mulher, que passa a frequentar a vida em sociedade; os objetos de arte; as festas — tudo isso os ingleses introduzem no Brasil.

O sentimento de conforto manifesta-se e o luxo aparece. Os lares se enfeitam e já, nos longos serões avoengos, se cogita da elegancia no trajar. Antes, o unico ambiente artistico e de reunião era o dos templos, que apresentavam luxo e esplendor.

Tudo, entretanto, mudou, depressa, como por encanto, no seculo XIX.

Nos engenhos e fazendas a educação é primorosa. Os pais mandam os filhos estudar na Europa, entregando as filhas a aias estrangeiras, fazendo-se sua educação no proprio lar paterno.

Os hábitos figalcos e elegantes predomina na vida social, que é intensa e exigentissima. Daí o rei fazer os grãos-senhores, concedendo-lhes titulos de barões, marquêses, etc.

A situação economica brasileira passa por grande transformação, deslocando-se

sua ação de um ponto para outro: decaem os grandes engenhos, crescendo assombrosamente as fazendas cafeeiras. E' o café que avassala as outras fontes de riqueza. Sua produção, na então provincia do Rio de Janeiro, traz á sociedade fluminense tal luxo e esplendor a ponto de muitas de suas casas de fazendas causarem assombro aos estrangeiros. Algumas apresentavam até mais luxo e riqueza do que o proprio palacio imperial de S. Christovão. O engenho de Quissamã simbolisa esta época.

O Rio crescera e desenvolvera-se, as D. João VI crea escola, funda instituições e fabricas, organisa repartições publicas, estendendo sua atividade em varios sentidos.

Inicia-se uma vida social brilhante. Decae a influencia inglesa com a vinda de artistas contratados na França. Começa então o periodo francês, com Montaigne, Debret... Nessa época introduz se o estilo imperio, como ainda se vê na Casa da Moeda, no Palacio Itamarati, no Catete, na Santa Casa de Misericordia e em mais alguns edificios cariocas.

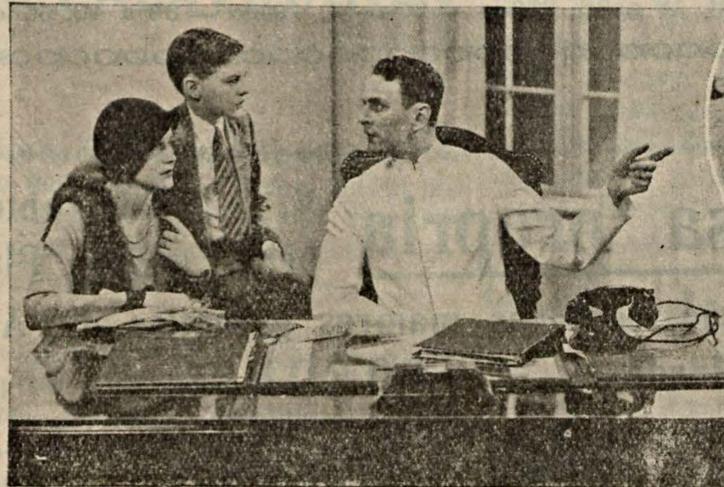
O Brasil, de simples colonia, passa, em 1815, a Reino Unido a Portugal e Algarves e, em 1822, as nações civilisadas «Ouviram do Ipiranga, ás margens placidas, Da Independencia o brado retumbante».

A civilização brasileira ganha admiravel impulso, entrando o Brasil, quasi de repente, no concerto universal das Nações.

CONCLUSÃO

Dado o cosmopolitismo da época, as casas atuais apresentam multiplicidade de estilos, desde os chalés suissos aos modernos bañgalós, embora a tendencia moderna seja para os arranha-céus. Não têm mais feição pessoal, pela qual seja possivel conhecer os seus proprietarios. Retratam o materialismo da época. A casa propriamente brasileira desapareceu, mas, «de alguns anos para cá, as vistas das camadas de «élite» voltaram-se para a necessidade da fundação da casa com caracteristicos nacionais».

Somos nm povo forte e organizado, politicamente constituído, com vastas perspectivas de grandeza e progresso, devemos, pois, construir o nosso lar, nosso, muitos nosso, a «Casa Brasileira».



A Carie Dentaria Retarda o Desenvolvimento Mental e Diminue a Resistencia Contra as Molestias

A Carie Dentaria Será Vencida

O combate á carie dentaria, que uma proeminente autoridade dentaria declara ser mais valiosa do que se pensa, está disseminada pelo mundo todo. Os medicos e dentistas de muitos paizes, nos campos bacteriologicos, chimicos e de clinica medica, estão desenvolvendo valiosas informações no fito de chegarem a uma solução desse problema.

Desde que o Professor W. D. Miller em 1881 definitivamente ligou a bacteria oral com a carie dentaria, muitas theorias sobre a carie dentaria appareceram. Recentes investigações, entretanto, confirmaram definitivamente as conclusões do Prof. Miller de que as bacterias productoras de acido, são as responsaveis pela carie e que o estabelecimento de uma rigorosa asepsia buccal, trazendo o decrescimento da flora buccal, retarda grandemente a carie do dente.

Por isso, a pratica da hygiene buccal não deve ser descurada. Uma clara exposição ao cliente, sobre a relação entre a bacteria buccal e a ruina do dente e o modo correcto de utilizar-se da escova, estimulará ao cliente a pratica diaria da hygi-

ene buccal. O uso de um verdadeiro dentifricio antiseptico auxiliará a manter o bom estado da bocca, conforme as prescrições do dentista.

O creme dentifricio KOLYNOS, que destróe de 80 a 92 por cento das bacterias da bocca em cada escovadela, fornece um meio seguro para o combate á acção deletéria dos microbios sem que se verifique a menor injuria ao delicado tecido, enquanto que limpa a bocca e deixa os dentes admiravelmente polidos.

A pedido os nossos distribuidores enviar-lhe-ão, com prazer, um pacote de amostras, gratis

Distribuidores:

Paul J. Christoph

Rua do Ouvidor, 98 — Rio de Janeiro

The Kolynos Company

NEW HAVEN, CONN.

U. S. A.

Matriz em S. Paulo — AO BOTICÃO UNIVERSAL — Filiaes em Campinas e Baurú

A sua casa propria V. S. pôde obtel-a pelo nosso Plano

Novo de construcção, com as maiores garantias de Arte, Solidez e Commodidade. — — PORQUE

- converteremos simples inquilinos em proprietarios;
- construímos directamente com nossos operarios;
- dispomos de peritos em construcção;
- construímos com ARTE E SOLIDEZ;
- a garantia do cliente é a garantia do nosso capital;
- a nossa organização financeira permite reduzir o custo da construcção;
- vendemos pelo prazo que convier ao cliente;
- as mensalidades equivalem a um aluguel, dependendo do prazo estabelecido;
- a nossa responsabilidade não termina com a entrega da casa; subsiste por muitos annos;
- ajudamos a cancellar a dívida antes do prazo estipulado.

«LAR BRASILEIRO» constróe em terreno de propriedade do comprador da casa, desde que esteja situado em logar dotado de boas communicações e serviços publicos. O valor do terreno é computado na entrada inicial de 20 %.

“LAR BRASILEIRO”

ASSOCIAÇÃO DE CREDITO HYPOTHECARIO

RUA DO OUVIDOR, 90

RIO DE JANEIRO

Casa Orlando Rangel

DROGARIA E

PERFUMARIA

Rangel Costa & Cia.

Grande deposito de drogas, productos quimicos, especialidades farmaceuticas e perfumarias, nacionaes e estrangeiras

83, Rua Republica do Perú, 83 — Rio de Janeiro

A que mais barato vende perfumarias

TRES PALAVRINHAS

Quefren, Quéops, Míquerinos — A transcrição dos nomes das tres grandes pirâmides do Egito, seja na escrita complexa, mixta, seja na simplificada, apresenta para alguns estudiosos certa dificuldade.

Parece, porém, fóra de duvida que nos nomes proprios historicos e geográficos, tanto pessoais como locativos, adaptados de lingua que não use ou não haja usado alfabeto semelhante ao nosso, devemos fazer a transcrição fonetica, seguidas as regras da ortografia simplificada, como acima está.

E' o que tenho invariavelmente ensinado nesta modesta secção de *A Escola Primaria* e o que vejo, com prazer, doutrinado com maior autoridade pelo professor J. Serrano em nota apensa ao volume correspondente á 5ª serie de sua *Historia da Civilização*, recentemente saído dos prélos, editado pela casa Briguiet.

Não posso deixar de consignar aqui meu aplauso cordial ás «sugestões para a uniformização da grafia dos nomes históricos e geográficos», do eminente professor do Colegio Pedro II e do Instituto de Educação, nome com tanta justiça acatado pelos estudiosos.

Não só nesse caso, mas tambem no de termos já velhos em lingua portuguesa, quando as palavras aportuguesadas são realmente de uso frequente, devemos usar a transcrição fonetica. Quanto aos nomes estrangeiros não aportuguesados ou que não se prestem á adaptação portuguesa, devem ser grafados de acordo com a forma usada na lingua a que pertencam.

E', porém, certo que de grande utilidade será o vocabulario dos nomes historicos e geográficos, vocabulario ortográfico e ortoépico, de que, segundo noticia fidedigna se ocupa presentemente ilustrado professor, o qual muito adeantado vai na empresa. Para a resolução pronta de duvidas não haverá como vocabulario, cuja pronta saída dos prélos é de desejar.

Correspondencia de Tres Palavrinhas.

J. M. M.—O uso do gerundio no caso indicado: *Nosso amigo N. chegou ontem, partindo imediatamente para a fazenda*, embora não abonado pelos classicos, é usual e não pode ser taxado de erroneo. A lingua é o que é, não o que foi, muito menos o que devia ser.

E' em verdade um gerundio originalissimo, que equivale a oração coordenada; *chegou ontem, E PARTIU...* e portanto devemos analisar a oração como coordenada.

P. T.—*A jóvem matou-se porque o rapaz não A correspondia* afigura-se-me tolice grossa. O verbo *corresponder*, com objeto direto, na acepção de *amar, estimar*, só tem uso entre pessoas de minguada cultura, cuja linguagem não merece ser imitada. Devemos dizer: *não correspondia a seu amor, a seu afêto, a seus sentimentos*, etc.

M. C. — Não posso acreditar que alguém, com responsabilidade, tenha opinado de tal modo! A pronuncia exata é a que estabelece a ligação; *milequinhentos, milárvores*, etc. A pronuncia como se fosse *miu e quinhentos, miu árvores*, é que deve ser absolutamente proscrita.

MESTRE-ESCOLA

Curso Gratuito de Francez da Alliance Française de Rio de Janeiro

A ALLIANCE FRANÇAISE DE RIO DE JANEIRO informa que reabriu seus cursos gratuitos de francez na sua nova sedé, á rua Santa Luzia, 89-1º andar. Aceitam-se inscripções todos os dias, 17 ás 19 horas, com excepção dos sabbados, na sua séde social.

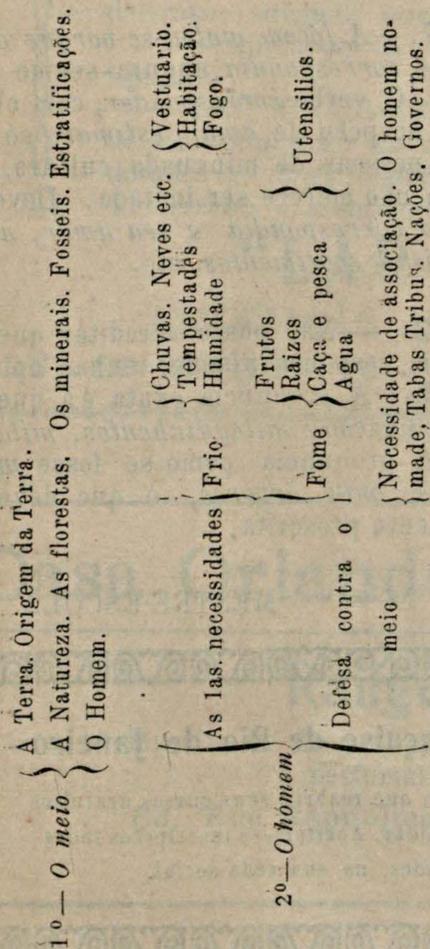
Pratica da Escola Nova

Escola Uruguay

Resumo do plano de trabalho a ser executado nas turmas especializadas (4º e 5º anos) no corrente ano, na 6ª Circunscrição de Educação Elcmentar.

A ideia central do plano : *o homem e a sociedade através dos tempos*, poderá, á primeira vista, parecer um tanto vaga ou extensa. Um estudo dos programas exigidos anteriormente mostrará que essa idéa, vinda do 3º ano, ficara completamente isolada, perdida, si não for desenvolvida nos anos complementares.

As associações far-se-ão quasi espontaneamente, seguindo, em traços gerais, a seguinte ordem ou sequencia :



A inteligencia e as atividades humanas desenvolvidas pelo aumento das necessidades, ou por outra, pela deficiencia encontrada nos meios de subsistencia e defesa, desdobrou-se em :

- 1º — Na agricultura e conseqüente aproveitamento dos animais domesticaveis.
- 2º — Na ciencia—pela curiosidade e necessidade de pesquisa.
- 3º — Nas Artes—pelo desenvolvimento da sensibilidade e afetividade embrio narias.
- 4º — Nas industrias—conjunto de todas as modalidades do engenho humano.

DESDOBRAMENTO DO PLANO

4º e 5º Anos — 1935

- 1—CONHECIMENTO DO ASSUNTO A ESTUDAR.
- 2—INVESTIGAÇÃO — PESQUISA OU OBSERVAÇÃO DIRETA.
- 3—ASSOCIAÇÃO — ENCADEIAMENTO DAS NOÇÕES ASSIMILADAS.
- 4—EXPRESSÃO — APLICAÇÃO DAS NOÇÕES ASSIMILADAS. (*Documentação*).

Pedimos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem, por escripto, tanto as commnicações de mudanças de endereços, como quaesquer reclamações relativas á remessa da revista.

1º)—O conhecimento será dividido em quatro periodos ou tarefas, reservando-se o primeiro periodo letivo (Abril) á recapitulação da materia dada no ano anterior.

2º)—A investigação competirá ás crianças, depois de conhecidos, por elas, os itens ou assuntos dos programas oficiais que devem estudar no referido periodo letivo (tarefa), sem preocupação de materia ou professora, trazendo, eias proprias, recortes de jornais e revistas, bem como livros didáticos de qualquer natureza, preparando, assim, albuns e coletaneas, dicionarios e cadernos de poesias.

3º)—O encadeamento (*Associação*) e applicação do *conhecimento* compete ás professoras, cabendo-lhes a escolha de exercicios e trabalhos que mais corvenham a seus alunos, de acôrdo com o nivel de aproveitamento das turmas (A ou B). Assim, partindo dos assuntos ou das cousas observadas pelas crianças, objeto de suas pesquisas e investigações, a professora encaminhará, insinuará as associações, visando atingir o *Conhecimento* ou tarefa prevista para o periodo em questão.

4º)—EXPRESSÃO OU DOCUMENTAÇÃO DO TRABALHO EXECUTADO consistirá na apresentação de albuns, dicionarios, diarios dos alunos, sessões literarias, conferencias pelos alunos, graficos de aproveitamento no fim de cada mês e periodo, na confecção de mapas e de taboleiro de areia etc.

O DESENHO, como materia essencialmente de expressão que é, concorrerá, ilustrando os albuns e dicionarios, os cadernos de poesias e observação, os exercicios de linguagem, reproduzindo cenas e tipos, historias sem palavras, lendas e narrativas, para a gravação mais perfeita do conhecimento.

OS TRABALHOS MANUAIS tambem concorrerão para a documentação da materia estudada, podendo-se, na aula de trabalhos de agulha, vestir bonecas, de acôrdo com as estações, as diferentes épocas, civilizações e nacionalidades.

5º. ANO
1º Periodo — Abril

Vocabulario.

LINGUAGEM

Silabas. Separação das silabas. Acentuação tonica. Emprego da letra maiuscula. Nomes e qualidades. Coletivos. Flexões. Familias de palavras. Sinônimos, antônimos, homônimos e parônimos. Conjugação dos verbos regulares. Verbos auxiliares.

LITERATURA : Os Indianistas—Gonçalves Dias e Alencar. Numeração. CALCULO mental e escrito. Algarismos romanos. Sistema decimal. Leitura dos numeros decimais. Operações em geral. Sistema métrico. Frações ordinarias e decimais. Divisibilidade.

MATEMÁTICA

Linhas. Fio a prumo. Nivel. Paralelas. Angulos. Quadrilateros. Reconhecimento dos solidos geometricos (somente em relação á fórmula). Areas dos quadrilateros, em geral. Origem da Terra (noções sumarias). Linhas e zonas do globo. Estações. Climas em geral e, especialmente, das regiões do Brasil. Raças humanas. O brasileiro. Ideia do mundo pré-historico. Os nossos seivagens. Descobrimen-

CIENCIAS SOCIAIS

to do Brasil e da America. Colombo. Vasco da Gama. As Indias. Viagens de circunavegação. Idéia geral do mundo na epoca do descobrimento do Brasil. Fórmias de governo (colonia, monarquia, republica). Os Reinos da Natureza : diferenças e analogias. *OHOMEM*: partes do corpo humano. Esqueleto. Orgãos e funções. As plantas : partes do vegetal. Mineraes uteis e preciosos. Animais e v. getais pré-historicos. Fosseis. Estados dos orpos. Passagem de um para outro estado. O calor e suas applicações. O fogo. O frio e sua utilização na industria, na ciencia e na vida pratica.

CIENCIAS NATURAIS

Recapitulação das materias estudadas nos anos anteriores.

Sendo o 1º período destinado, principalmente, á recapitulação das materias estudadas nos anos anteriores, os assuntos devem ser resumidos a noções sumarias, de modo que a professora, além de poder formar um juizo a respeito de sua turma, possa, repassando a materia já estudada, preparar melhor o terreno para a aplicação do plano a seguir.

2º Período: Maio — Junho

LINGUAGEM—Conjugação dos verbos irregulares. Pontuação. Períodos simples. Sujeito e predicado, Complementos. Sinonímia. Vocabulário. Afixos. Aplicação das noções anteriormente assimiladas.

LITERATURA—Os LÍRICOS: Gonzaga, Claudio Manoel etc. Em Portugal — Camões. Vultos mais notáveis da literatura mundial: Dante, Cervantes etc. Lendas e poemas.

MATEMÁTICA—Médias. Conversões de frações ordinárias em decimais e vice-versa. Periodicas. Potenciação. Raiz quadrada. Circunferencia e círculo. Linhas. Area do círculo. Relação entre o perimetro do círculo e a medida da circunferencia. Area do cubo e do paralelepipedo. Medidas agrarias. Conversões. RACIOCÍNIO. Problemas. Conhecimento e avaliação das areas dos poligonos.

CIENCIAS SOCIAIS—Os povos da antiguidade. *A America pre-colombiana*. O «El-dorado». Noções de geologia: formação do vale do Amazonas. O Titicaca-mar interior. Os Andes. Idades e crescimento das montanhas. Vida e costumes dos primeiros colonizadores. Continuação do estudo das regiões do Brasil (agora quanto ao historico de cada uma, principalmente). O Brasil colonial. *O OURO*. Bandeiras. Ideias nativistas. Influencias estrangeiras (França e Estados Unidos). Independencia do Brasil.

CIENCIAS NATURAIS—Regiões aridas em geral e, especialmente, no Brasil e na America. Produções proprias de cada uma dessas regiões. Flora e fauna dessas regiões. O camélo, a rena, a lhama, o cavalo. Estudo dos mamíferos. Falando nos desertos—miragens, fenômenos luminosos, espectro solar, cores primárias e secundárias. Fotografia. Influencia das chuvas e seu aproveitamento nas diferentes culturas. Pluviometros. Humidade. Terras férteis. Adubos.

Estudo e composição das principais terras de cultura. Estudo da agua.

3º Período: Julho—Agosto—Setembro

LINGUAGEM—Preposições, advérbios, interjeições e conjunções. Ampliação e redução de sentenças. Orações coordenadas e subordinadas. Continuação do estudo dos afixos. Vocabulário.

LITERATURA—Castro Alves.

Redação: fixar o emprego dos verbos nas 2as. pessoas.

MATEMÁTICA—Trocas primitivas. Conhecimento do valor das moedas brasileiras. Cambio. Bancos. Transações bancárias. Desconto. Regra de tres. Juros, taxa etc. Continuação do estudo e aplicações do sistema decimal. Desenvolvimento do raciocínio. Volume. Metro cubico, estereo. Relação do metro cubico com as medidas de peso e capacidade. Noção de densidade.

CIENCIAS SOCIAIS—Longitude e latitude. Planisfério. Convenções geograficas. Estudo do litoral brasileiro. Regiões do Brasil (parte economica). Principais países e capitais da America e dos outros continentes. Vias de comunicação antigas e modernas. O 1º navio, o 1º trem, o 1º avião. Invenções do seculo XIX. Localização no mapa e consequente estudo geográfico dos locais onde se desenrolaram os principais fatos historicos decorrentes das primeiras explorações e das ambições estrangeiras. Os ENGENHOS. A AGRICULTURA NO BRASIL. A ESCRAVIDÃO. A queda da monarchia. A republica.

CIENCIAS NATURAIS—Estudo dos vegetais e sua utilização na industria, vestuário e alimentação. Caça e pesca. Animais uteis e nocivos. Aplicação das invenções do seculo XIX. A maquina a vapor. O ferro. O carvão no Brasil e no mundo, O petroleo e seus derivados. Zonas petrolíferas. Aplicações do petroleo. Motores.

4º Período: Outubro—Novembro

LINGUAGEM—Revisão geral (vocabulário e gramatica). Ampliação do ensino da literatura (estilo, vocabulário, dição, imaginação, critica). Redação. Emprego indistinto dos pronomes.

MATEMÁTICA—Revisão geral. Desen-

volvimento do raciocínio e certeza do calculo.

CIENCIAS SOCIAIS—Revisão geral. O progresso do Brasil. O Brasil atual e o que lhe está reservado para o futuro. O mundo atual. As grandes potencias. Intercambio comercial do Brasil com o estrangeiro. Importação e exportação. Imigração. Vultos notáveis da humanidade, nas ciencias, artes, historia etc. Obras de arte notáveis no mundo, através da historia.

O MANGANÊS—Aplicações na industria. Minas Gerais e o manganês. Futuro que está reservado ao manganês.

A ELETRICIDADE—Força hidráulica a hulha branca.

CIENCIAS NATURAIS — Aperfeiçoamento das invenções do seculo XIX.

O AR—Composição. Pressão atmosférica. A estratosféra. Fenômenos atmosféricos. Estudo do som. Progresso das ciencias:

O RADIO, RAIOS X etc.—Os grandes vultos da ciencia: Pasteur, Curie, etc.

Nota: Oportunamente, noções de hygiene e profilaxia.

4º ANO

1º Período—Abril

Sendo o 1º período destinado, principalmente, á recapitulação da materia estudada nos anos anteriores, os assuntos serão os mesmos do 5º Ano, nesse período de revisão.

2º Período—Maio—Junho

LINGUAGEM—Conjugação e emprego dos verbos regulares. Pontuação. Correção de sentenças. Sujeito e predicado, Orações simples. Vocabulário. Redação, firmando-se o emprego dos verbos na 3a. pessoa do singular. Leitura oral e silenciosa.

MATEMÁTICA—MULTIPLICAÇÃO: processos abreviados de multiplicação por 11, 12, 25 e 50. Numeros multiplos e primos. Divisibilidade. Frações ordinárias: operações, Frações decimais: movimento da virgula. Multiplicação por 10, 100 e 1000. Perímetros.

CIENCIAS SOCIAIS—Fundação dos primeiros nucleos de colonização. Invasões estrangeiras. Cobiças. Fundação das primeiras

ciudades. Lendas e narrativas. Dificuldades encontradas na terra e no povo para a colonização. Auxilio dos indios e dos jesuitas. A Companhia de Jesus. Anchieta. As bandeiras. Regiões do Brasil, em geral. Região oriental: rios, montanhas. O massiço brasileiro. A procura das riquezas minerais e a caça ao indio. A criação do gado. As primeiras povoações. Ideias nativistas. Mascates e emboabas, Conjuração mineira. Vinda de D. João VI. Brasil independente.

CIENCIAS NATURAIS — Vida animal (mamíferos, aves, insetos etc). O homem. Fauna brasileira. Os animais domesticos criados no Brasil. Distribuição. Animais que destroem as plantações. A pesca e a caça. Fenômenos meteorologicos. Movimentos do sol e da lua. Fases da lua. Orientação.

3º Período—Julho—Agosto—Setembro

LINGUAGEM—Redação, firmando-se o emprego dos verbos na 2a. pessoa. Dialogos. Desenvolvimento do vocabulário. Correção de frases. Ditados sem pontuação.

MATEMÁTICA—Médias. Percentagem. Conhecimento e uso das moedas brasileiras. Calculo mental e escrito. Noção de area. Metro quadrado. Avaliação de areas. Triangulos. Area e perimetro do triangulo. Traçado dos quadrilateros e dos triangulos. Circunferencia e círculo. Linhas.

CIENCIAS SOCIAIS—Estudo das outras regiões do Brasil. O Brasil Imperio. Ação dos grandes vultos: Feijó, Caxias, Pedro II, Mauá etc. A vida na cõrte. A escravidão. As fazendas. Tipos característicos: o «Capitão do mate» e os feitores «Palmares» e «quilombos». A abolição. A Princeza Isabel e o Visconde do Rio Branco. Vultos da abolição.

CIENCIAS NATURAIS—Vida das plantas. Agricultura. Reconhecimento dos principais tipos vegetais: laranjeira, café, mate, cacau, cana, feijão, milho, babassú etc. As florestas. Plantas daninhas. Pragas da agricultura no Brasil. Adubos. O solo no Distrito Federal e nas zonas essencialmente agricolas. A terra preta e a roxa. Culturas. S. Paulo e Minas Gerais—celeiro do Brasil. Efeitos do calor e da humidade: seu papel na agricultura.

4º Período—Outubro e Novembro

LINGUAGEM—Revisão geral (vocabulário e gramática) Aplicação de frequentes testes de aproveitamento. Gráficos. Desenvolvimento de sinóticos e vice-versa. Redações com emprego indistinto dos pronomes.

MATEMÁTICA—Revisão geral. Correção e certeza do cálculo. Testes de aproveitamento. Desenvolvimento do raciocínio.

CIÊNCIAS SOCIAIS—Revisão geral. A República. Vultos da república: Benjamin Constant, Floriano Peixoto, Silva Jardim, Barão do Rio Branco, Ruy Barbosa, Oswaldo Cruz, Passos, Frontin etc. Monumentos. Progresso do Brasil após a proclamação da república. Os Estados e suas capitais. Imigração e seu valor como fator de aumento da economia. Principais centros de colonização. Possibilidades econômicas dos Estados. Intercâmbio intra-estadual. Pan-Americanismo. A América do Sul e suas capitais.

Revisão geral.

Minerais: sua utilização. Distribuição das riquezas minerais do Brasil. O ouro. O ferro. O petróleo. O manganês. Gemas. O sal. O carvão. Aproveitamento da força hidráulica.

Nota: Oportunamente, noções de higiene e profilaxia.

A coordenadora,

Maria Navarro Barcellos

ASSOCIAÇÃO1º. PLANO QUINZENAL
(ABRIL)PONTO DE PARTIDA: CIÊNCIAS
SOCIAIS

1 — ORIGEM DA TERRA — Como se formou a Terra. Teorias (inclusive a teológica). A terra no espaço. Movimentos da terra. O dia e a noite. O eixo. Translação. A órbita da terra. As estações.

2 — LINHAS E ZONAS DO GLOBO — Zonas glaciais. Os climas frígidos e sua influência na raça. Os climas temperados e os tropicais. Climas das regiões do Brasil. O Equador — zona equatorial — a mais quente do globo. Ali-

mentação e vestuário adaptados aos diferentes climas.

3 — AS TRÊS RAÇAS (BRANCA, PRETA E VERMELHA) — Traços característicos das três raças fundamentais do tipo brasileiro.

4 — IDEIA GERAL DO MUNDO PRÉ-HISTÓRICO — Os selvagens — *homem primitivo*. Vida e costumes dos selvagens e do *homem das cavernas*. Habitação. Cavernas, grutas, *dolmens*, habitações *lacustres*, ocas, tabas. Os vestuários: a nudez, as peles de animais, os tecidos de fibras vegetais. As armas: idade da pedra lascada, brunida, do bronze e do ferro. Alimentação: frutos, raízes, caça e pesca. Formação e evolução da família. As tribus e seus chefes — os caciques, os pagés, os guerreiros. As nações: governo-chefe-as forças da nação.

5 — DESCOBRIMENTO DO BRASIL E DA AMÉRICA — Os povos navegadores: Espanha, Portugal, Holanda. Colombo — descobrimento da América para a Espanha. Portugal: *Escola de Sagres*. *Viagens e descobrimento das costas da África*. Bartolomeu Dias e o cabo da Boa Esperança. Vasco da Gama — as Índias. Cabral — descobrimento do Brasil.

Holanda: O holandês. A influência do mar na vida do Holanda. Localização da Holanda, da Espanha e de Portugal no mapa. Aspecto físico e clima desses países.

6 — VIAGENS DE CIRCUNAVEGAÇÃO — *Galileu* e a esfericidade da Terra. Forma que os *antigos* atribuíam à Terra. Viagens de circunavegação e rotas seguidas pelos venezianos; Vasco da Gama, Colombo, Cabral e Magalhães. As civilizações encontradas no Oriente: a China, as Índias, o Japão. As especiarias, as porcelanas, as sedas os objetos de marfim. O papel.

7 — FORMAS DE GOVERNO DO BRASIL (COLÔNIA, MONARQUIA E REPÚBLICA) — Como se navegava nesse tempo. As caravelas. Benefícios prestados pela bússola. O Tratado de Tordezinhas. O mundo nos séculos XV e XVI.

COLÔNIA — O Feudalismo. Os fidalgos e os plebeus. Os tributos. A gleba. As capitânicas hereditárias como exemplo da aplicação do feudalismo. Porque falhou esse regime no Brasil; pela opres-

são e a caça ao índio, — raça rebelde e independente. O Governo Geral: fatos importantes que se deram nesse período; *Invasões Francesas*. Porque vieram os franceses. Lutas religiosas. Calvinismo. Protestantismo. Os Jesuítas no Brasil. Os Vice-Reis. Obras principais no Rio de Janeiro — Os Arcos de Santa Teresa. O Passeio Público. Mestre Valentim — O Aleijadinho e sua obra: os jacarés do Passeio Público, as pirâmides e os portões com a esfera das armas portuguesas. Significação dessas armas.

MONARQUIA — Que vem a ser monarquia. Monarquia absoluta (já desaparecida) e a constitucional. Motivos que levaram D. João VI a vir para o Brasil. Napoleão (notícia biográfica). Monarcas do Brasil — um absoluto e um constitucional. Traços biográficos dos monarcas do Brasil.

REPÚBLICA — Diferenças entre o regime monárquico e o republicano. Emblema das realidades: o cetro, a coroa e a púrpura. Emblema republicano: Barrete Frigio. Significação desses emblemas. Repúblicas célebres na história.

LINGUAGEM

1 — Separação das sílabas — planeta, sol, lua, estrela, Terra, dia, noite, globo, outono etc. Acentuação tônica dessas palavras. Emprego da letra maiúscula: Terra e terra, Globo, Sol, Lua etc. mostrando à criança que não se escreve letra maiúscula apenas nos nomes próprios e no início das frases. Nomes e qualidades, empregando essas outras palavras que se referiram ao assunto. Flexões. Sinonímia: céu, nascente, espaço, inverno, verão etc. Homônimos: Terra e terra, sol, verão, estação etc. Conjugação de verbos regulares: girar (a Terra gira em torno do eixo), percorrer, descrever, anotece, amanhecer. Formação e correção de sentenças. Cenas descritivas das estações, dos crepúsculos (José de Alencar, no Guarany), cenas noturnas (Coelho Neto).

2 — Família de palavras: planeta, terra, sol, céu, lua, dia, noite, inverno, verão, primavera, outono, sul, levante, astro, estrela; linha homônimos: linha, oriente etc. Sentido figurado: li-

nha, oriente, estrela, sol, astro. Sinônimos. Conjugação dos verbos orientar, guiar, conduzir etc. Composição de sentenças, empregando essas palavras e outras relativas ao ponto de partida.

3 — Vultos simbólicos das três raças fundamentais do brasileiro: Poty, Henrique Dias e Vidal de Negreiros. A batalha de Comandatuba (descrição). Índios notáveis na história do Brasil. — Ararigboia, Tibiriçá etc.

Leitura dos tipos descritivos do vaqueiro e do gaúcho (Euclides da Cunha — Sertões.) Sentenças, resumos das biografias lidas. Continuação das questões anteriormente estudadas.

4 — Os indianistas — A obra de Gonçalves Dias — A confederação dos Tamoiós. Poesias indianistas: Marabá, Canção do Tamoio etc. O Guarani, Ubirajara (Alencar), Moema Santa Rita Durão — Caramuru. Lindoia (Basilio da Gama). Nomes indígenas: Jaci, Moacir, Iracema, Ararigboia, etc. (significação) Os afixos-assú e mirim. Significação de alguns nomes de acidentes geográficos de origem indígena (a título de curiosidade).

5 — Camões — Os Luziadas. Leitura de algumas estrofes ou, melhor ainda, de resumos, em prosa, das principais passagens, na parte referente a Vasco da Gama na Índia.

Lendas relativas aos descobrimentos. Biografias de: Galileu, Colombo, Cabral, Vasco da Gama etc. (muito resumidas).

Emprego dos verbos: navegar, viajar, descobrir, conquistar etc. Famílias de palavras: nave-navegação, navegante, navio, navegar. Homônimos: nave, embarcação e nave-parte central e interior das igrejas, rota e rôta.

6 — Usos e costumes do Brasil colonial — Leituras, ditados, descrições, sentenças; as cavalhadas e justas, os torneios, «O bumba meu boi» (Recife). «As minas de prata». As festas do Divino, a Serração da Velha, o Entrudo. «O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis» (Luiz Edmundo).

MATEMÁTICA

1 — Numeração primitiva e portanto espontânea — pelos dedos (os selvagens).

Aumento das atividades humanas—necessidade de um sistema de numeração. O berço da matemática—A Grecia. Os grandes matematicos gregos. A numeração romana: como são formados os algarismos romanos; seu uso atualmente. A numeração arábica, muito mais simplificada. CALCULO mental e escrito. Operações. Sistema decimal. Leitura de decimais.

2 — Linhas-Vertical—o Eixo da Terra—direção do fio a prumo. Horizontal—o Equador—posição do nível—aguas paradas. O Eixo perpendicular ao Equador. Parallelas—os circulos paralelos. Obliqua—posição da eliptica. Angulos. Graus.

3 — Firmeza do Calculo. Aplicação das noções anteriores.

Traçado das linhas e dos angulos.

4 — Aparecimento do sistema métrico: medidas antigas—quartilhos—frações ordinarias e decimais.

5 — Continuação do estudo do sistema métrico. Problemas relativos ás distancias percorridas pelos navegadores no litoral brasileiro.

6 — Areas (das capitancias) e, portanto, dos quadrilateros. Medidas de extensão (da costa brasileira e terra a dentro).

Calculo da medida de frações dessas extensões. Area do Brasil colonial, monarchico e republicano. Area comparada á dos outros paises e continentes.

Reconhecimento dos solidos geometricos: as piramides do Jardim Publico, a esfera das armas portuguezas, os troncos de piramide nas bases das arcadas do aqueduto de Santa Teresa, fórmulas geometricas deduzidas dos motivos apresentados pelo desenho etc.

CIENCIAS NATURAIS

1 — Uma vez a Terra formada—a Natureza (os tres reinos): 1º—o animal —O Homem: partes do corpo humano, orgãos e funções (resumidamente). Os elementos: a terra-solido, a agua-liquido, o ar-gasoso. Estados dos corpos. Passagem de um para outro estado. Ciclo da agua-Lavoisier. Solidificação da agua — o gelo. Aplicações do gelo e do frio nas diversas industrias e nas ciencias. Os mares, os rios—os pei-

xes. A terra — os vermes. Decomposição organica. O ar—os passaros. Os mineraes uteis e preciosos, propriamente ditos.

2 — Climias glaciaes, regiões polares. tipos caracteristicos das regiões polares—os lapões e os esquimãos. O clima influenciado na raça (fisicamente). Pigmentação. Climias frios — os saxões, os escandinavos, os eslavos. Os climias temperados—os latinos. Os climias tropicais—tipos caracteristicos dessas zonas.

Animais caracteristicos dessas regiões: o urso, a foca, o pinguim, o jaguar, os crocodilos, o condor etc.

3 — A fusão de tres raças influenciando no fisico do brasileiro, nas diversas regiões. O clima modificando a raça; no Brasil—o nortista, o nordestino, o sulista. Nas grandes cidades—o cosmopolitismo. Influencia dos «sports» no aperfeiçoamento da raça. A higiene.

4 — Os selvagens nas selvas—estudo dos vegetais. Tipos florestais. Plantas venenosas, medicinaes, comestiveis etc. As madeiras de lei. As orquideas.

A pedra—o silex. O fogo, o calor. Aplicações praticas de um e do outro. Aerostatos-balões etc. Dilatação. Corpos bons e maus condutores de calor. Alimentação primitiva — frutos, raizes, caça e pesca.

Conhecimento do bronze antes do ferro. Propriedades dos mineraes. Ligas. O ouro-mineração, zonas auríferas no Brasil e no mundo. Ouro de aluvião-garimpos. Noções de geologia — estratificações. Os fosseis.

Condições sanitarias do Brasil colonia, monarchia e republica. A distribuição da agua. Os arcos de Santa Teresa. Aquedutos. A agua condutora de germens. A agua filtrada e a fervida. Empregos da agua mineral e da distilada.

DESENHO E TRABALHOS MANUAIS

LINGUAGEM—As estações (desenhos adaptados ás cenas lidas).

Ceramica marajoára (motivos para a aula de costura)

As estações (desenhos). Aspectos das regiões—tipos caracteristicos.

Ceramica marajoára (motivos para a aula de costura—tapetes—panos—bonecos) modelagem.

CIENCIAS NATURAIS — Passaros — peixes — (aplicação na aula de costura e modelagem)—Tipos raciaes (bonecas e bordados etc.)

Flores—motivos depois aplicados nas aulas de costura e trabalhos manuaes.

Plantas comestiveis — observação diaria, copia do natural, estilização—moti-

vos aplicados em frisos, cantos, painéis etc. (desenho decorativo).

CIENCIAS SOCIAIS—Desenho de imaginação: paisagens e cenas tropicais, ou de acôrdo com qualquer clima ou região do Brasil. Idem quanto ás estações. Interpretação, com desenhos, de historias lidas, lendas, episodios historicos.

Banco do Brasil -- Rio

TAXAS PARA AS CONTAS DE DEPOSITOS

COM JUROS (sem limite). 2 % a. a.
Deposito inicial Rs. 1:000\$000. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores a esta ultima quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias da data da abertura.

POPULARES (limite de Rs. 10:000\$000). 3-1/2% a.a.
Deposito inicial Rs. 100\$000. Depositos subsequentes minimos Rs. 50\$000. Retiradas minimas Rs. 20\$000. Não rendem juros os saldos: a) inferiores a Rs. 50\$000; b) excedentes ao limite, e c) encerrados antes de decorridos 60 dias da data da abertura. Os chéques desta conta estão isentos de selo desde que o saldo não ultrapasse o limite estabelecido.

LIMITADOS (limite de Rs. 20:000\$000) 3% a.a.
Deposito inicial Rs. 200\$000. Depositos subsequentes minimos Rs. 100\$000 Retiradas minimas Rs. 50\$000. Demais condições idênticas aos Depósitos Populares. Chéques selados.

PRAZO FIXO
de 3 a 5 meses 2 1/2% a. a. —de 9 a 11 meses. 3 1/2% a. a.
de 6 a 8 meses 3 % a. a.—de 12 meses. 4 % a. a.
Deposito minimo Rs. 1:000\$000.

DE AVISO 3% a. a.
Aviso previo de 8 dias para retirada até: 10:000\$000, de 15 dias até 20:000\$000, de 20 dias até 30:000\$000 e de 30 dias para mais de 30:000\$0000. Deposito inicial Rs. 1:000\$000.

LETRAS A PREMIO—(Selo proporcional)
Condições idênticas aos Depósitos a Prazo fixo.

O BANCO DO BRASIL FAZ TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS: Descontos, Empréstimos em Conta Corrente Garantida, Cobranças, Transferencias de Fundos etc.

“A ESCOLA PRIMARIA”

De conformidade com o acordo estabelecido entre a Diretoria de Educação e a Administração desta revista, todos os diretores de grupos escolares, escolas primarias e cursos populares noturnos receberão um exemplar de cada numero d'«A Escola Primaria», o qual deverão conservar na «Biblioteca Escolar», como propriedade do estabelecimento que dirigem.

N. da Red.



Mães

O leite materno é o melhor alimento para o bebê. TODDY é o melhor alimento para as mães que amamentam seus bebês.

TODDY é um alimento ideal para o anno inteiro. Os estômagos mais delicados digerem TODDY com facilidade.

TODDY

Nutre, fortalece e vigoriza

Fabricas em 19 paizes inclusive no Brasil

Assistencia Dentaria Escolar

Chamamos a atenção dos senhores dentistas escolares para o grande sortimento de artigos dentarios, que a CASA CIRIO oferece em optimas condições.

Ouvidor, 183 — Phones, 22-9249 e 22-9446

Todos nós

nos distribuimos por estas tres classes...

AOS 32...



AOS 45...



AOS 60...



HOJE em dia, são raros os chefes de familia que não comprehendem o alcance do seguro de vida... Mesmo assim, porém, a grande maioria é constituída por homens que não têm seguro algum. Esses estão divididos em tres classes: a primeira é a dos que acham que ainda têm muito tempo e podem esperar. A segunda é a dos que só esperam uma ocasião mais favoravel, amanhã ou depois. A terceira, finalmente, é a dos que querem, mas já não podem fazel-o, porque nenhuma companhia de seguros os aceita... Em que classe está o Sr.? Si está nas duas primeiras, não facilite com o tempo. O dia de amanhã ainda póde ser peor que o de hoje... E outro ponto importante: quanto mais cedo se faz um seguro, mais facilmente é pago. Não se esqueça de que, emquanto o Sr. custa a decidir, o seu tempo restante de vida vae se reduzindo cada vez mais. E é natural, portanto, que, amanhã, o Sr. seja recusado por não apresentar um indice de saude e vitalidade aceitavel.



FUNDADA EM 1895

Não deixe para amanhã ..

Lembre-se do velho brocardo: não deixe para amanhã o que póde ser feito hoje. Procure estudar, sem pressa, nas suas horas de lazer, um plano commodo de seguro. Para isto apenas é preciso usar o coupon abaixo. Mais tarde receberá um folheto explicativo das vantagens e das facilidades de um seguro de vida.

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

A' SUL AMERICA

Caixa Postal, 971 - RIO DE JANEIRO VV-2

Querem remetter-me gratis, e sem compromisso, o folheto explicativo.

Nome.....

Residencia.....

Cidade.....Estado.....

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO S. PAULO BELLO HORIZONTE
Rua do Ouvidor, 166 — Rua Libero Badaró, 49, A — Rua da Bahia, 1052

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILARIO RIBEIRO		D. RITA DE MACEDO BARRETO	
Cartilha Nacional.....	\$600	Leituras Preparatorias.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	1\$000	1.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	1\$000	2.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	1\$000	3.º Livro de Leitura.....	3\$000
THOMAZ GALHARDO		JOÃO RIBEIRO	
Cartilha da Infancia.....	\$600	Autores Contemporaneos.....	5\$000
2.º Livro de Leitura.....	1\$500	Selecta Classica.....	6\$000
3.º Livro de Leitura.....	2\$500	ASSIS CINTRA	
EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO		Pequenas Historias.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$000	O. BILAC e M. BOMFIM	
2.º Livro de Leitura.....	2\$500	Atravez do Brasil.....	4\$500
3.º Livro de Leitura.....	3\$000	Leitura complementar.....	4\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000	Livro de composição.....	4\$000
5.º Livro de Leitura.....	4\$000	CARMEN GILL	
SERIE FUIGGARI-BARRETO		Instrucção Civica.....	4\$000
1.º Livro de Leitura.....	2\$500	ALTINA DE FREITAS	
2.º Livro de Leitura.....	3\$000	Cartilha.....	2\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000	ANNA CINTRA	
4.º Livro de Leitura.....	2\$500	Ensino Completo de Leitura...	1\$500
ARNALDO BARRETO		A. JOVIANO	
Cartilha das Mães.....	1\$000	Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Cartilha Analitica.....	1\$800	Primeira Leitura (para adultos)	2\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000	Lingua Patria—1.º Livro.....	4\$000
Leituras Moraes.....	2\$000	« « —2.º Livro.....	5\$000
FRANCISCO VIANNA		« « —3.º Livro.....	5\$000
Primeiros Passos na Leitura...	1\$500	MARIA DO CARMO P. NEVES	
Cartilha.....	2\$000	Exercicios de Linguagem — (1.,	
Leitura preparatoria.....	2\$500	2.º e 3.º annos).....	3\$000
1.º Livro de Leitura.....	2\$500	Exercicios de Linguagem—(4.º e	
2.º Livro de Leitura.....	3\$000	5.º annos).....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000	Exercicios de Linguagem—(6.º e	
4.º Livro de Leitura.....	4\$000	7.º annos).....	4\$000
JOÃO KOPKE		MANOEL BOMFIM	
1.º Livro de Leitura.....	2\$000	Primeiras Saudades.....	4\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500	Creanças e Homens.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	2\$500	E. DE AMICIS	
4.º Livro de Leitura.....	3\$500	Coração.....	4\$000
Leitura Praticas.....	2\$000	AFRANIO PEIXOTO	
Fabulas (em verso).....	1\$500	Minha Terra e Minha Gente...	4\$000
D. MARIA ROSA RIBEIRO		BILAC e C. NETTO	
Leitura Intermediaria.....	2\$000	Contos Patrios.....	3\$500
Leitura para o 2.º anno.....	2\$500	Patria Brasileira.....	3\$500
Leitura para o 3.º anno.....	2\$500	Theatro Infantil.....	2\$500
Leitura para o 4.º anno.....	3\$000	ALBERTO DE OLIVEIRA	
		Céo, Terra e Mar.....	4\$500

Remettemos nosso catalogo gratis para todo Brasil

A ESCOLA PRIMARIA

Revista de Educação

SUMMARIO

<i>Red.</i>	A obra dos Congressos Paz pela escola
<i>Dr. Pedro Ernesto</i>	Discursos proferidos na Escola Argentina
<i>Alba C. Nascimento</i>	
<i>Jonathas Serrano</i>	A aula inaugural de Historia da America no Collegio Pedro II
<i>Firmino Costa</i>	A Leitura
<i>Pedro A. Pinto</i>	Lingua Materna
<i>Mestre Escola</i>	Tres Palavrinhas
<i>Maria N. Barcellos</i>	Escola Uruguay
	Applicação de testes nas escolas primarias
<i>Dinah Guahyba</i>	Pratica da Escola Nova

Redacção e Administração

Rua Sete de Setembro, 174

RIO DE JANEIRO

BRASIL

Matriz:

CASA MATTOS

Filial:

R. Ramalho Ortigão, 24

R. Mariz e Burros, 188-A

TELS. { 22-3552
22-3553

FERREIRA DE MATTOS & CIA.

TELS. { 28-0722
28-7892

Grande e variado sortimento de artigos de
PAPELARIA — LIVRARIA — PINTURA E DESENHO

Os distintos Estudantes
encontrarão sempre na
CASA MATTOS os arti-
gos de melhores qualida-
des por preços sem com-
— petidores —



Prefiram sempre as nossas
afamadas marcas:
“ACADEMICO”, “FER-
RARTE” e “INFANTIL”.
Cadernos “EDUCATIVO”
com mappas do Brasil e
— Planisferio. —

SÃO OS MELHORES EM QUALIDADE E PREÇOS



Mães

O leite materno é o melhor alimento
para o bebê. TODDY é o melhor ali-
mento para as mães que amamentam
seus bebês.

TODDY é um alimento ideal
para o ano inteiro. Os esto-
magos mais delicados dige-
rem TODDY com facilidade.

TODDY

Nutre, fortalece e vigoriza

Fabricas em 19 paizes inclusive no Brasil